

PERNAMBUCO

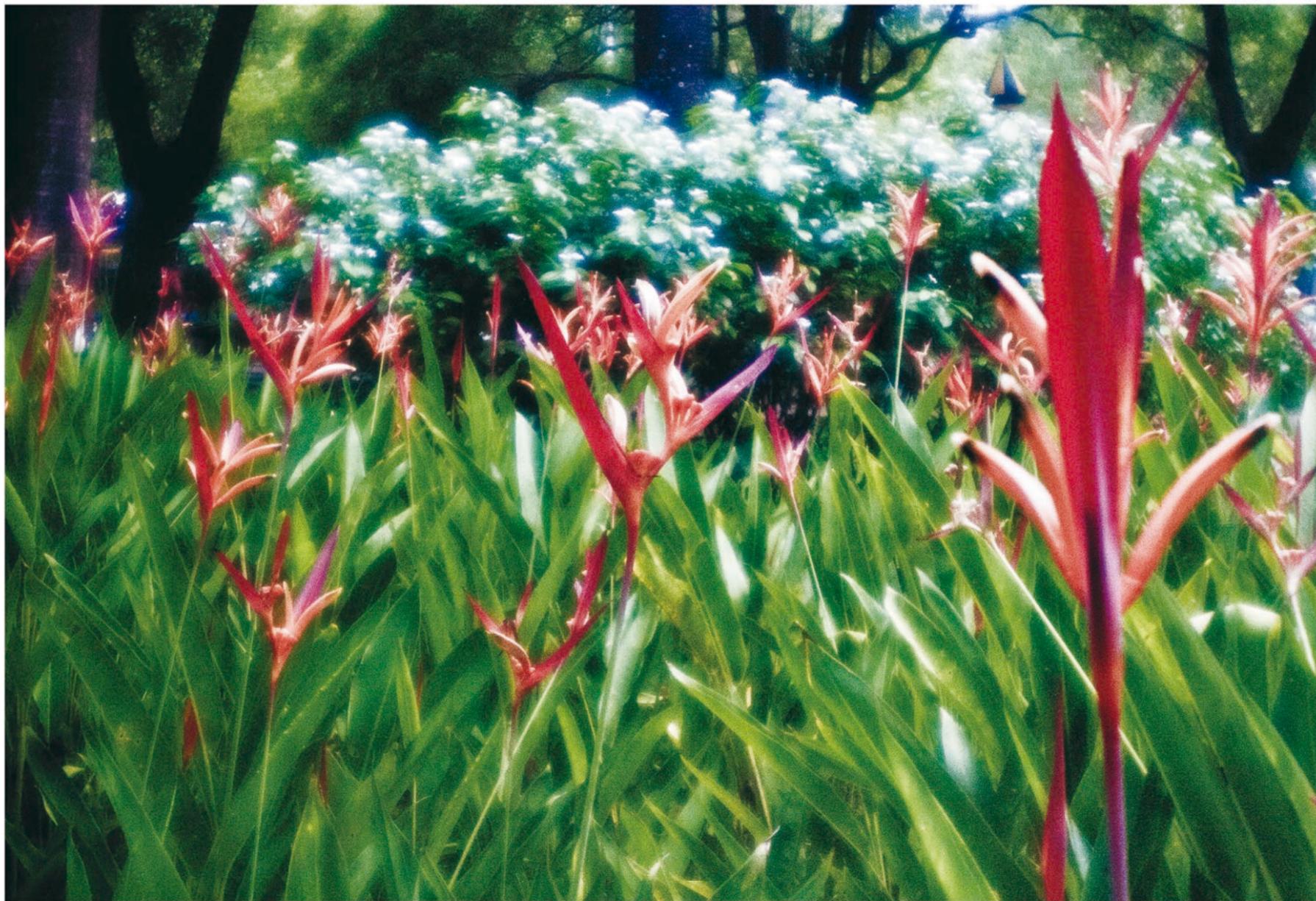


HALLINA BELTRÃO SOBRE ILUSTRAÇÃO DE QUINO

DIZER O QUÊ?

Quem são os porta-vozes da ideologia nas nossas tirinhas de cada dia

GALERIA



ALEXANDRE SEVERO

“Os sonhos são experimentações. Neles, o inconsciente nos leva a viver novas formas, contextos, movimentos e limites. Nessa série, batizada *Sonhos*, experimento a realidade como quem sonha, mas acordado. Sem expectativas, movido apenas pelo desejo de vivenciar olhares e cores a partir de uma nova perspectiva, me afastei da objetividade do real e, à minha frente, vi surgir cenas oníricas.” <http://www.flickr.com/photos/severo>

CARTA DO EDITOR

Mafalda, a inquieta (para dizermos o mínimo) personagem criada pelo argentino Quino, é quase uma unanimidade. Até quem não gosta de quadrinhos tem de admitir a força das suas tiradas, que investigam um mundo que parece não entender (ou não quer entender) sua própria complexidade. Numa de suas tirinhas, por exemplo, quando sua mãe sai de casa e lhe pede para não abrir a porta para ninguém, é repreendida com a pergunta “e se for a felicidade?”. Como responder a essa pergunta? Talvez nenhum adulto ou criança saiba direito como.

Aproveitando os três títulos que saem agora no Brasil – *10 Anos com Mafalda*, com todas as tiras da personagem, publicadas entre 1964 e 1973, *Humanos nascemos*, original de 1987, e *Que presente inapresentável* –, decidimos investigar o lugar que autores como Quino ocuparam nas tirinhas nossas de cada dia e questionar se esse mesmo lugar está ou não vago. Para realizar essa empreitada, convocamos Carol Almeida, que tem colaborado com o jornal quando o assunto é o universo dos HQs.

“As tirinhas de Mafalda se tornaram um símbolo de uma geração que falava em vilões (televisão, capitalismo) porque acreditava em mocinhos (diálogo, comunismo). E as crianças eram porta-vozes dos argumentos que não apenas cutucavam os

adultos, como divertiam as próprias crianças. Mais ou menos como os bons filmes de animação fazem hoje. Publicadas em jornais que, por muito tempo, serviram como único meio de acesso à informação, essas tiras tinham como base uma certa angústia existencialista que se reflete em vários artistas do pós-2ª Guerra e ganha nova dimensão com a ameaça nuclear que se instala no mundo bipolar de capitalistas e comunistas”, aponta Carol Almeida, na reportagem de capa deste número.

Um dos livros mais fortes lançados este ano é, sem dúvida, *Ribamar*, de José Castello. Um dos principais críticos do Brasil fez uma ficção travestida de depoimento/desabafo familiar para ilustrar os pormenores da relação pai e filho, dialogando diretamente com Franz Kafka. Sobre essa obra, Castello escreveu um texto exclusivo para nós, pontuando o processo de construção do seu segundo romance.

Curiosa é a entrevista do mês, em que o escritor Wellington de Melo, do *Urros Masculinos*, instigou Gilvan Lemos a confessar quais são seus pecados capitais. Gilvan, inclusive, lançou há pouco uma coletânea dos seus principais contos, escolhidos por seus amigos, com edição da Editora Nossa Livraria.

É isso, boa leitura e até o próximo mês.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Ricardo Leitão

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE

Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Menezes

CONSELHO EDITORIAL:

Mário Hélio (Presidente)
Antônio Portela
José Luiz da Mota Menezes
Luís Augusto Reis
Luzilá Gonçalves Ferreira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Gilson Oliveira, Hallina Beltrão, Karina Freitas, Militão Marques, Sebastião Corrêa e Pedro Melo

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva

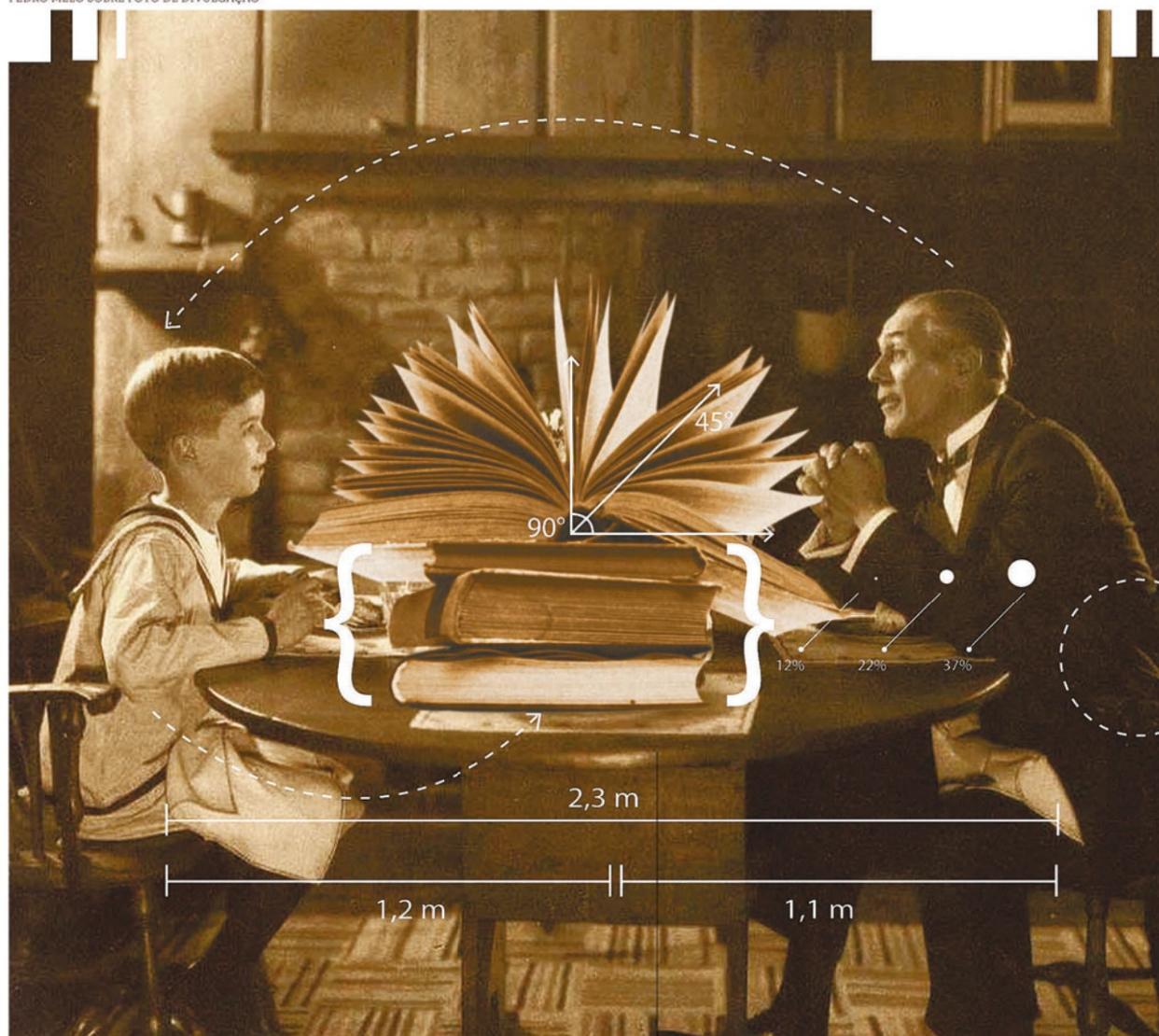
Cepe
EDITORA

PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplemento.com.br

BASTIDORES

PEDRO MELO SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



Longa jornada em volta de um só personagem

A história de um livro escrito em meio a muitas dúvidas e desistências

José Castello

Ribamar, como outros livros que escrevi, foi um projeto que se impôs – um livro que, de forma sutil, mas violenta, me obrigou a escrevê-lo. Meu projeto inicial era escrever um ensaio sobre a relação dos escritores com seus pais. A opção pela literatura é vista pela família, em geral, como fantasiosa e insensata. Os pais quase sempre lutam para proteger seus filhos das dores e dos desassossegos inerentes à escrita de ficção. Pensei em escrever um ensaio breve sobre os obstáculos que um jovem escritor precisa enfrentar para chegar a si. Sobre o quanto precisa abandonar, o quanto precisa esquecer, para chegar a ser.

Fiz minhas primeiras leituras, tomei as primeiras notas, mas logo a minha própria história pessoal começou a se impor. Resisti muito. Não queria escrever uma confissão, ou um livro de memórias – e, na verdade, não escrevi. Escrever sobre minha própria experiência me parecia desinteressante e excessivo. Lutei para fixar a atenção na vida de grandes autores como Proust, Joyce, Virginia Woolf, Guimarães Rosa, Fernando Pessoa. Mas alguma coisa, esquivada e traiçoeira, sempre me empurrava de volta a mim mesmo.

Um dia, cansado de lutar, resolvi desistir do livro que planejei escrever e aceitar um livro diferente, que não planejei, um outro livro, que pedia para ser escrito. Assim surgiu *Ribamar*: a partir de notas caóticas e dispersas que comecei a tomar a respeito de minha relação com meu pai – e sobre como a literatura se colocou, desde cedo, entre nós dois.

Decidido a não escrever uma biografia – até porque não acredito que meu caso seja especial –, passei a permitir que tudo o que me acontecia, tudo o que lia, tudo o que imaginava, entrasse em meu livro. *Ribamar* parte disso: de uma desistência. Desisti de me impor um projeto. Desisti de comandar minha escrita. Para atenuar minha solidão, resolvi escrever *Ribamar* como se ele fosse um diário – estranho diário, que não falava do presente, mas do passado. E que não falava da vida que tive, mas apenas a rondava.

Tudo ainda parecia, porém, frágil demais. Um dia, por acaso, um amigo encontrou em um sebo do Rio de Janeiro um exemplar da *Carta ao pai*, de Franz Kafka, o mesmo livro que eu dei de presente a meu pai em meados dos anos 1970, em um momento em que mal conseguíamos nos falar. Trinta anos depois, o livro me voltava, não só para trazer de volta fortes lembranças de meu pai, José Ribamar, mas para invadir e comandar meu próprio livro. A partir

desse momento, Franz Kafka, e seu pai Hermann, passaram a ser, eles também, meus personagens. Mais que personagens: eles passaram a me ditar partes inteiras de meu livro.

Talvez para resistir à massacrante presença de Kafka, comecei a anotar, compulsivamente, todas as ideias que me vinham à cabeça – mesmo que elas não tivessem relação alguma com o livro que estava a escrever. Passei a anotar meus sonhos, lembranças dispersas, histórias que me contavam, ideias que me vinham. Voltei a ler Kafka e, enquanto lia, anotava também. As notas cresciam em minhas mãos, sem que eu soubesse que destino lhes dar. Histórias verdadeiras se misturavam a histórias falsas, sonhos a leituras, devaneios a lembranças alheias, fatos a invenções. Todas as fronteiras se quebravam, eu me afogava – e isso era meu livro.

Mas ainda me faltava um chão – e esse chão só surgiu quando decidi fazer uma viagem a Parnaíba, a cidade em que meu pai passou a infância e adolescência. Não viajei a Parnaíba, porém, como um repórter, ou um pesquisador. Visitei muitos lugares, incluindo arquivos, e conversei com muita gente, incluindo parentes. Fiz, porém, um exercício de “desapuração”, e não de “apuração”. Parnaíba me serviu de moldura para enquadrar as ideias que me asfixiavam. Não se tratava de recuperar a verdade – que estava perdida para sempre. Muito menos, de desejar um encontro com meu pai, que morreria mais de 20 anos antes. Não queria acertar contas com a família, ou passar minha vida a limpo. Tratava-se de outra coisa: de escrever uma ficção. De usar o que eu tinha para chegar ao que eu não tinha.

Quando me dei conta de que, apesar de tudo, eu escrevia um romance – ou, dizendo melhor, um romance em mim se escrevia – tomei posse, enfim, de meu livro. Ainda assim, me afogava em notas dispersas, relatos desconexos, impressões soltas. Como ligar tudo aquilo? A resposta me veio no dia em que, por acaso, ouvi minha mãe, Lucy, que está velha e doente, cantarolar uma canção de ninar. Era a canção que meu pai cantava para me ninar, ela me explicou. Sabia a canção inteira, nota a nota. Nada lhe escapava, a canção estava viva! A canção era um pedaço do passado que, na voz de minha mãe, irrompia em meu presente. O tempo se quebrara, a literatura começava a mandar.

Entendi, de vez, que as fronteiras entre o presente e o passado são artificiais. A literatura não tem compromissos com a verdade, com a cronologia, com a ordem. Em uma ficção, você pode tudo – e pode inclusive manipular o passado e o presente, deformá-los, traí-los. Trabalhá-los à sua maneira, para seu prazer, para satisfazer desejos ocultos, ou intenções que jamais conhecerá. Um escritor deve, antes de tudo, se entregar. Foi o que comecei a fazer. Um livro é, sempre, uma entrega.

Transformei a partitura da canção de ninar em um esboço matemático e o usei como espinha de meu livro. No fundo de *Ribamar*, posso dizer sem exagero, “toca” uma canção – embora ninguém a ouça. A estrutura de meu romance me veio, mais uma vez, de onde eu menos esperava. Aprendi, com isso, que um escritor deve, antes de tudo, escutar o mundo. Estar atento aos ruídos, falatórios, suposições. Manter-se em posição de espera e de atenção, pronto para aceitar tudo o que lhe aparece, verdadeiro, ou não. Há algo de fortemente passivo na postura do escritor. Ou bem ele se mantém aberto e disponível, ou não consegue escrever. Assim me surgiu *Ribamar*: como uma invasão, ou um acidente. Como uma submissão. Depois de escrevê-lo, sinto grandes dificuldades em falar na figura do “autor”. Não acredito mais nesse sujeito cheio de si, dono de suas ideias, vaidoso e arrogante, que se nomeia escritor. Um escritor não se nomeia, nem se autoriza. Ou bem a escrita o mobiliza e atinge, e ele consegue aceitá-la e ceder a sua força, ou um escritor nada é.

O LIVRO



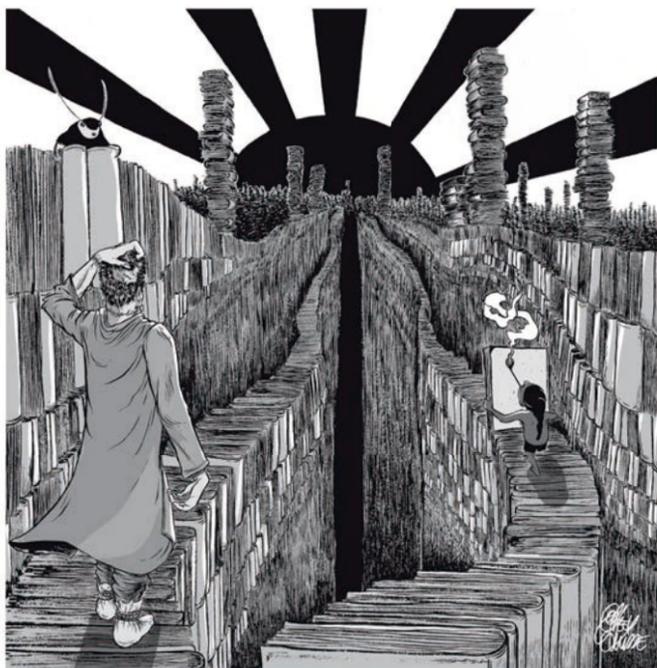
Ribamar
 Autor José Castello
 Editora Bertrand Brasil
 Páginas 280
 Preço R\$ 37

PERFIL

De quando a falta estava nos nossos muros

Que motivos levam um autor em ascensão a largar a literatura?

Carolina Leão



CARTUNS: ALEXANDRE DANTAS
WWW.FLICKR.COM/PHOTOS/TRACOTRONXO/



Douglas Tabosa de Almeida é o *one hit wonder* mais ignorado da história literária do Recife. Por meses consecutivos, emplacou o ranking da disputada Livraria Síntese, reduto literário que disputava com a mítica Livro 7 a atenção dos escritores recifenses. Douglas acompanhou, gradativamente, a escalção do seu romance, *Saudade do futuro*, da décima posição à primeira, desbancando o comercialíssimo Sidney Sheldon na lista dos mais vendidos. “Não sei se me leram. Mas eu vendi. Cheguei a ganhar algum dinheiro. Não muito, mas algum”, revela o autor que esgotou os três mil exemplares lançados com o apoio da Fundarpe, em 1989. Para ele, seu romance de estreia é um dos livros mais malditos da literatura brasileira. Renegado por quase todos, diz. “Realmente nunca mais falei sobre ele, porque ninguém me perguntou, mas continuo respeitando o todo do romance”. Apesar da cisma de seu criador, o livro ganhou quatro prêmios, entre eles o da Academia Pernambucana de Letras e um Candango de literatura no Distrito Federal. “Cheguei a ir a Brasília receber o prêmio. Ao chegar lá e ser transportado numa velha Kombi cheia de outras vítimas, ao chacoalhar até o hotel em silêncio, me senti num galinheiro de artistas indo para o matadouro das festas oficiais do poder”, brinca.

Saudade do futuro, livro de linguagem e estrutura fragmentada, sobre o cotidiano de um recifense inquieto, Hugo, não teve reedições. Nem reimpressões. Douglas procurou editoras de grande porte, como a José Olympio, para lançá-lo nacionalmente, já que o lançamento pelo Governo do Estado não incluía estratégias de divulgação da obra na indústria cultural. Ele chegou a receber cartas de agradecimentos e congratulações mas interesse comercial que é bom, nada. Os editores esperavam, também, um outro livro. Ora, o *début* do pernambucano teve uma carreira avassaladora e certamente o ajudaria no mercado editorial. O segundo livro, entretanto, não veio. Por razões pessoais (a morte da irmã e a direção dos negócios

da família), Douglas deixou em *sursis* a ideia da criação literária, do destino de escritor. Hoje, aos 53 anos de idade, afirma que já tem 300 páginas prontas do seu próximo livro; mas só pensará na sua edição daqui a uns dois anos. Até lá, talvez, ele já esteja com 700 páginas, revela.

A obscuridade à qual o romance ficou relegado vai de encontro à sua trajetória como best-seller local. Poucos livros fizeram tanto sucesso de mídia no Recife como *Saudade do futuro*, comparado por alguns críticos ao *Ulysses*, de Joyce. Como a obra-prima do modernista irlandês, o romance pernambucano se vale de registros memorialísticos impressos em fluxo contínuo. E Douglas também fez seu marketing pessoal. Procurou os entusiastas da obra e personalidades intelectuais que importavam, cada uma à sua maneira, ao campo da crítica do Recife, tratando de colocar suas apreciações como recomendações de leitura, na imprensa e na orelha do livro. Edson Nery da Fonseca, afilhado intelectual mais ilustre do velho Gilberto Freyre, lembrou o crítico Álvaro Lins, à época da publicação de *Sugarana*, do então desconhecido João Guimarães Rosa. “Douglas Tabosa de Almeida também não é conhecido fora de Pernambuco. Mas tenho certeza de que a publicação deste romance vai consagrá-lo como um dos maiores ficcionistas brasileiros”. O decano Austregésilo de Athayde ressaltou: “É mais do que o relato de um delírio. Há nele a busca de soluções, doloridas investigações das causas que hoje transtornam o mundo e tantas dúvidas suscitam, como se esta nossa geração fosse a última a assistir a agonia da humanidade condenada a desaparecer”. Raimundo Carreiro, jornalista e presidente da Fundarpe na época, vaticinou: “Douglas você está condenado à literatura”, comparando-o a Céline, no ensaio rebelde. O escritor, no entanto, desistiu da condenação. “Estou um burocrata”, revela ele, que hoje administra os negócios da família, num escritório localizado no bairro das Graças, onde me recebeu duas vezes para esta entrevista.

HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



Mas, assim como a narrativa de Douglas, o desligamento da literatura e a recusa em seguir adiante a carreira literária fogem das classificações tradicionais. Ano passado, uma lista do magazine londrino *Times* listou alguns dos possíveis *one hit wonders* mais famosos da literatura. *One hit wonder*, explica-se, é um termo bastante conhecido na música pop, responsável por centenas de canções de sucesso que exauriram a imagem de seus intérpretes após forte exposição midiática. O fenômeno é típico da cultura de massa e envolve, portanto, as expressões estéticas mais próximas desse universo, como a moda, a música e o cinema. A literatura, por mais comercial que seja, sempre esteve blindada, num nível mais simbólico do que real, dessa relação. Mas também não escapa da exaustão. O crítico Luke Heitch selecionou alguns dos equivalentes na literatura numa lista medonha, na qual entram, controversamente, Oscar Wilde e Sylvia Plath e autores que de fato um sucesso foi suficiente para serem eternizados, entre eles Harper Lee (*O sol é para todos*) e Emily Brontë (*O morro dos ventos uivantes*). O tema, o da resistência ou desistência da literatura, apareceu, também recentemente, em *Bartleby e companhia*, de 96, do escritor espanhol Enrique Vila-Matas. Inspirado no personagem Bartleby, de Melville, cujo bordão era “eu preferia não fazer”, ele saiu em busca dos outsiders da literatura, explorando a recusa de escritores como Rimbaud em seguir a carreira literária. O tema é sedutor: o que faz um possível escritor mobilizar anos de sua energia simbólica e abstração para escrever um livro e, após um sucesso ou entusiasmo incessante, desistir de sua arte? Você espera que um burocrata dê adeus ao seu cartão de ponto após cinco anos de repartição. Não se espera, porém, que alguém que viva de um ofício glamourizado, e tenha sucesso com ele, o abandone por uma carreira enfadonha. Afinal, a arte sempre está vinculada ao princípio do prazer, cobiçado por aqueles tiranizados pela realidade.

VENÉREA BRASILEIRA

No Recife, cidade onde a literatura parece ser destino fatídico aos seus eleitos e contemplados, Douglas reina, portanto, como *one hit wonder* absoluto e pop. O romance, além de desbancar *blockbuster*, esteve em todo o trajeto da cidade, à época relegada à alcunha de Recife ou Recife Filis – condinomes nada agradáveis à romantizada “Veneza brasileira”, agora chamada não muito carinhosamente de “Venérea brasileira” nos pixos que cortavam a paisagem urbana. A quarta pior cidade do mundo, bradaria o slogan mangubeat, pouco tempo depois, se valendo de pesquisa sociológica feita pelo Institute Population Crises Comitee, na distante Washington. Aqui, o final dos anos 80 significaria a ascensão da geração Yuppie e a decadência dos últimos entusiastas do desbunde. Ao som de Rick Astley e Debbie Gibson, adolescentes invadiam as boates da moda; enquanto poetas marginais se reuniam no Beco da Fome. Até 92, a bem da verdade, os grupos eram bem definidos: playboys gostavam de dance music e tudo mais que não se incluísse no combo shopping e hedonismo caía no balaio da cultura hippie. Depois, o binarismo foi declinado pelo frisson das identidades múltiplas e aleatórias que chegaram para dificultar ainda mais o conceito sobre nós mesmos e nosso papel no mundo. Tema, aliás, periférico de *Saudade do futuro*, que, diz seu criador, virou hit pela pixação.

“O livro aconteceu por causa das grafitagens”, acredita, ignorando, porém, o efeito que a crítica tem como criadora de uma obra de arte. Por quase 50 noites, Douglas grafitou os muros e ruas do Recife, com a mensagem: “Leia *Saudade do Futuro*”. “Naquele tempo a nossa querida cidade, a tal hora, já estava morta e tanto os policiais como os ladrões dormindo, ressacados”, lembra. A cidade estava bem fraquinha das pernas mas não o suficiente para algumas autoridades não notificarem a audácia do rapaz. O Detran chegou a repreendê-lo, alegando que o pixo distraía os motoristas, mas por falta de uma lei específica que o enquadrasse, a rebeldia acabou sendo “esquecida”.

A notícia, e Douglas, não. Eles chegaram ao *Jornal do Brasil*, numa matéria assinada pela correspondente local Letícia Lins.

Na imprensa pernambucana, o clima era de entusiasmo com a aurora dos últimos dos moicanos literários, num momento de entressafra no qual restava aos velhos literatos tecer loas sobre a pernambucanidade estabelecida, lá nos anos 70, e reclamar que o Leão do Norte perdesse espaço. César Leal, crítico literário entusiasta do pós-moderno, quando ainda era bacana ser entusiasta do pós-moderno, comentou com euforia, no *Diário de Pernambuco*, sobre o romance de estreia de Douglas. O jornalista Mário Hélio discutiu as proximidades conceituais entre modernismo e pós-modernismo em *Saudade do futuro* e tantos outros se debruçaram sobre as fronteiras da linguagem articulada por Douglas num misto de delírio confessional e estruturado pela escrita de um urbanóide cujas experiências se situam numa cidade fantasma. *Saudade do futuro* é também o Recife da geração de Douglas. A nossa primeira geração pós-moderna. Aquela contemporânea ao surgimento das ditaduras militares na América Latina e a mesma que viu a popularização da TV, por onde a ciência se fazia pop no seriado *Perdidos no espaço* e na exibição da chegada do homem à lua. A mesma geração que presenciou a divisão do mundo em dois blocos ideológicos. A mesma que legitimou o Iluminismo como mistificação da massa, no prognóstico adorniano de que a ciência do esclarecimento, e sua utopia de emancipação humana e intelectual, se convertera no instrumento de aniquilamento de milhares de seres humanos. “Já nasci numa entropia generalizada. Aos seis anos, estava atento à Crise dos Mísseis de Cuba. Não tenho saudade do passado”, diz, quando pergunto se o tempo vivido fora melhor. “Tenho a sensação de que estamos todos na Nau dos Loucos de Foucault e não temos a menor consciência disso”, coloca, referindo-se à metáfora do filósofo francês sobre as “instituições” do Renascimento que isolavam os doentes mentais, párias sociais, em embarcações errantes pelo mar.

Filho da classe média pernambucana, seu pai fundou a Faculdade de Direito de Caruaru e prosperou no milagre brasileiro com a aquisição e comercialização de imóveis, Douglas estudou no tradicional colégio São Luiz, antes de entrar para o curso de Arquitetura da UFPE. Crescido numa família de quatro irmãos, entre a ciência e a religião, ele, que estreou na carreira artística na geração Super 8, nos anos 70, teve sua trajetória direcionada a outra ideologia, a ambientalista. No entanto, não se filiou a partidos, nem pertence a grupos. “Sou um outsider”, define. Douglas é também um cético, mas com esperanças.

E *Saudade do futuro* parece ter surgido exatamente do seu próprio oxímoro pessoal. “Não sou decadente. Quero ser bonitinho, com muito carinho”, brinca, citando o Caetano de sua geração e seu “Pelé disse love, love, love”. Love, aliás, parece ser o tema central do romance, como sugeriu o reichiano Roberto Freire. “Conheço iguais contadores de histórias urbanas e brilhantes cronistas do cotidiano nas grandes cidades brasileiras, porém nenhum deles me parece possuir estilo poético tão contemporâneo e linguagem tão precisa e contundente para exprimir a impossibilidade do amor na sociedade burguesa”.

Douglas levou quase uma década para finalizar esse seu romance, burilando escritos pessoais e manuscritos ao longo de anos. “Eu disse pra meu pai: deixa eu fazer a besteira que toda classe média sonha, que é ter uma casa no campo”, descreve, sobre o isolamento numa chácara em Aldeia, a fim de concluí-lo. Sem complacência com sua obra, a qual diz ter sido massacrada, ele, seu principal carrasco, insinua que pensa numa segunda edição, com revisão pronta, baseada numa crítica virulenta feita pelo contemporâneo Brivaldo Campelo. “O cara demoliu o romance. Não deixou pedra sobre pedra. Afinal, ele tinha o direito. Para mim serviu como crítica da melhor qualidade. Mário Hélio, que também foi o primeiro e mais importante carneiro do tal romance, sempre, durante todo o processo de edição do mesmo, nunca deixou de insistir que os meus diálogos não são ruins não, são muito ruins. Ele nem tentou interferir antes de editá-lo, acho, por, no fundo, considerar que não tinha jeito que desse jeito. Não concordo. Meus diálogos são ótimos.”

Carolina Leão é doutora em ciências sociais e jornalista.

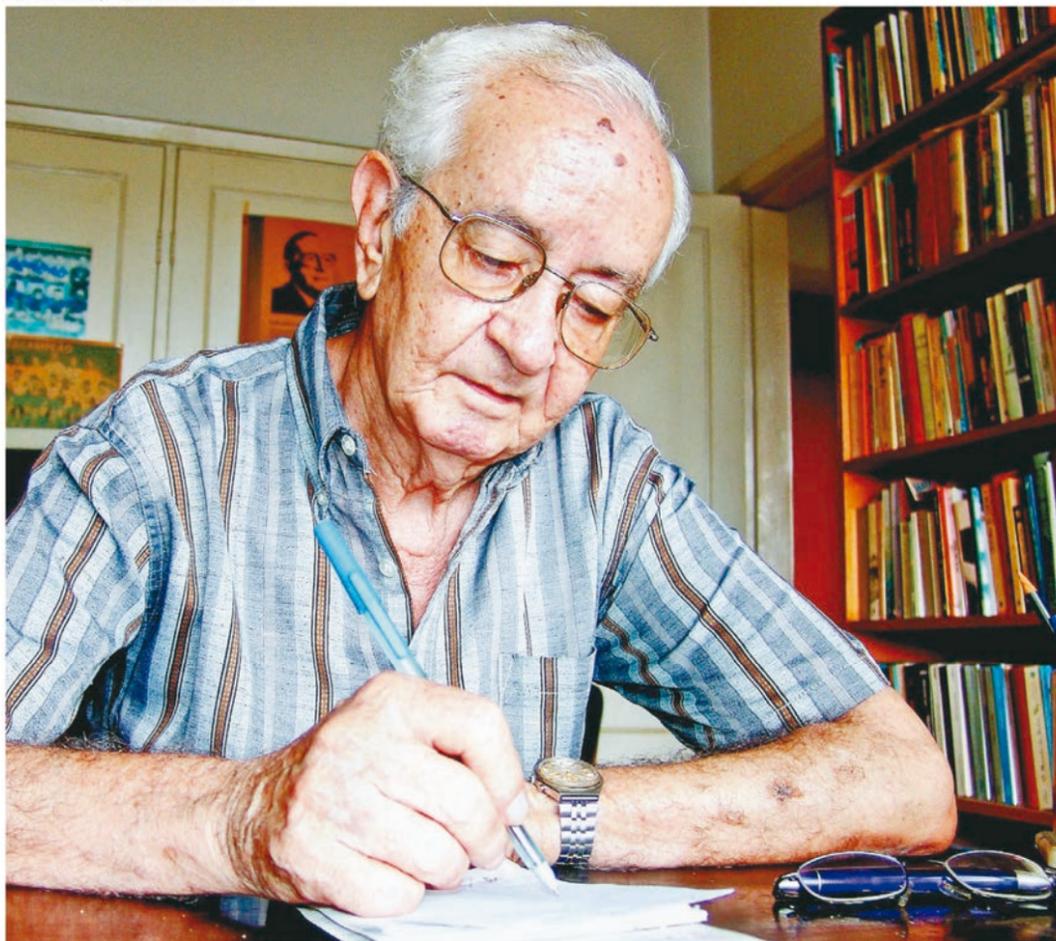
ENTREVISTA

Gilvan Lemos

Escritor faz a mea-culpa de todos os pecados cometidos

Na pele de um caçador da “Repartição das Almas Perdidas”, Wellington de Melo tira confissões inusitadas do autor pernambucano bastante famoso por sua timidez e reclusão

RAFAEL GOMES/ARQUIVO CONTINENTE



Entrevista a Wellington de Melo

Noite chuvosa de segunda-feira. A Sete de Setembro estava tão caótica como sempre. Fechei a porta do carro, devidamente estacionado em local proibido. Num boteco um casal obeso com mais álcool no sangue que o aceitável para uma segunda-feira trocava carícias e a tevê, sintonizada no noticiário, dava mais um assassinato. Um caminhão descarregava carne congelada e o estivador reclamava de algo para o encarregado. Eu me encaminhava para o edifício em que morava a alma que eu iria buscar: Gilvan Lemos. Escritor premiado, tímido e humilde, que fazia questão de se dizer um grande azarado. “Um pecador de marca maior”, tinham-me dito na seção de Al-

mas Perdidas do décimo quinto andar. O serviço era simples: entrevistá-lo, assegurar-me de seus pecados mediante uma confissão simples, pedir que assinasse a papelada e conferir-lhe o toque, com um aperto de mão ou algo parecido. Quatro dias depois do toque e pronto: encomenda feita. Subi o elevador antigo. Décimo segundo andar. Recebeu-me Gilvan de bermuda, camisa quadriculada e um sorriso no rosto. “Sabe quem eu sou, não é?” Ele fez aquele olhar de quem não lembra seu nome, mas sabe do que se trata. Pediu que sentasse, ofereceu café. O sofá era coberto por uma toalha com o brasão do Santa Cruz. Percebi: entrava no mundo do escritor, no labirinto que era sua memória. O que se segue é o relato fiel de minha entrevista em busca dos pecados de Gilvan Lemos e minha frustrada tentativa de capturar sua alma.

O procedimento é simples: direi uma palavra e o senhor deve me dizer o que ela lhe recorda. Certo.

Ira.

Eu sempre fui um menino bem comportado, era muito apreciado na escola, em todo canto em que chegava. Eu não sabia o que era ira. Comecei a ler e minha intenção principal era ser escritor, então eu só pensava em escrever. Durante esse período eu sofri muita injustiça, muita safadeza, até de primo legítimo meu que me prejudicou imensamente. Passado esse tempo, eu estou numa fase meio parada, nunca mais escrevi nada, começo a recordar do passado e vêm aquelas coisas: “Mas eu era muito besta!”. Aí vem a ira. Hoje eu sou irado, por pessoas que já morreram. Tanto que eu tenho esperança que exista alguma coisa no outro mundo, porque existindo eu vou direto para o inferno e lá eu vou pegar esses caras, porque eles estão lá também. A minha ira hoje é essa.

Inveja.

Inveja eu tinha dos escritores famosos da minha época. Eu morava em São Bento do Una sem condições absolutas de ser alguma coisa, porque lá não tinha colégio, jornal, banca de revista, não tinha uma pessoa com quem eu convivesse intelectualmente. Então eu me fiz sozinho comprando livros pelo reembolso e lendo. O dinheiro que eu ganhava na fábrica era todo para comprar livros. Então eu fui me instruindo pela leitura, mas nunca tive esperança de ser escritor porque eu não tinha condições. Quando eu vim para Recife não tinha máquina. Eu me

“A minha luxúria era só na zona. Era sexta-feira e sábado na zona, pegando as raparigas. Até me associei com uma

viciei em escrever a máquina na época da fábrica e não havia jeito de eu escrever à mão. Tanto que quando eu consegui comprar uma máquina à prestação, em um mês eu escrevi *Noturno sem música*, que estava todo pronto na minha cabeça. Então eu fiquei com esse livro aqui, mas sem esperança. Eu pensava: “Se conseguir publicar um livro, estou realizado”. Aí apareceu um concurso e me inscrevi. Tirei em segundo lugar com Osman Lins, mas ficou o livro aqui e Osman, muito sabidão, foi para São Paulo, se fez lá e eu aqui parado. Eu propriamente não invejava, eu mais admirava. Em primeiro lugar Graciliano, depois José Lins do Rego, depois Erico Verissimo, aquela turma da época. Eu tinha inveja porque eles conseguiam publicar e eu não tinha esperança.

Luxúria.

Não. A minha luxúria era só na zona. Era sexta e sábado na zona, pegando as raparigas. Até me associei com uma. Eu ficava por lá e ela me perseguindo, me chaleirando. “Mas Ivan (ela me chamava de Ivan), que demora, não vem, não é?” Aurelina. Ela era mais velha do que eu. Uma vez eu tirei férias, fui a São Bento. Quando voltei procurei ela e a mulher da pensão disse: “Não, Aurelina abortou, não está vindo.” Aí passou-se. Quando ela ficou boa eu reatei a amizade e ela me disse: “Olhe, eu abortei de um filho seu!” Eu disse: “Você é besta! Você fica com todo mundo!” E ela: “Não, mas toda vida você me procurava, era sempre o primeiro da noite!” Então eu sou pai de um aborto. Na época que eu podia casar, fiquei muito sobrecarregado com a família.

Terminei sustentando pai, mãe, uma irmã que casou mal. Foi passando o tempo, fiquei velho. Acabou-se, a luxúria, tudo.

Preguiça.

Preguiça não. Comecei a trabalhar na fábrica dos Valença, que eram primos legítimos meus e me exploraram toda a vida. Trabalhei cinco anos lá. Comecei com 14, mas antes disso sempre trabalhei, porque papai tinha casa de jogo de bilhar e tinha uma banca de bicho. Eu era tão besta que meu irmão mais velho dizia “Fica aí na banca que vou aqui e volto já”. E nunca voltava. Não sei nem o que é preguiça. O último livro que escrevi foi em 2004, *Na rua do Padre Silva*, de lá para cá não escrevi mais nada. Revirando meus papéis eu encontrei um romance de 1946, *Sete ranchos*, baseado numa favela de São Bento. João Luís da Nossa Livraria disse: “Eu quero publicar!” Eu disse: “Presta não, João. Eu escrevi em São Bento ainda, eu tinha dezessete para dezoito anos, um ignorante”. Mas aí ele insistiu, eu entreguei e vai sair agora.

Vaidade.

Não, nunca tive vaidade e me prejudiquei muito por isso. Osman empatou comigo no Prêmio Fábio Prado. Antes ele tinha passado na José Olympio e ela não quis. Quando ele chegou a São Paulo foi anunciado o livro como vencedor do Prêmio Orlando Dantas e a José Olympio aceitou. Aí ele (Osman) ligou para mim: “Olhe, Gilvan, você está perdendo muito tempo, está tendo um concurso agora, patrocinado pelo Diário de Notícias (Prêmio Orlando Dantas), mande *Jutai Curumim*”. Eu mandei. Demorou, demorou, eu

escrevi para ele: “Está vendo? Perdi meu tempo”. Ele disse: “Não, não deu ainda não, vamos aguardar.” Tirei em primeiro lugar. A comissão julgadora: Otto Maria Carpeaux, Herberto Sales e esse do dicionário, como é? (pausa) Buarque de Holanda. Aí pronto, disse: “Estou feito!”. Também tirei aqui o prêmio da UBE. Foram 50 mil réis e uma viagem ao Rio. Quando cheguei lá, fui ao *Diário de Notícias*. Fizeram uma reportagem, publicaram um capítulo do livro. Perguntei na portaria: “Quem é o chefe do suplemento agora?” Álvaro Lins. Quando ele me viu fez uma festa. “Olhe, eu fiquei muito feliz com o prêmio, porque você é pernambucano como eu! Falei com Herberto Sales quando julgaram o prêmio. “Mas, aqui para nós, o *Diário de Notícias* não vai cumprir”. “Por quê?”, eu perguntei. “Porque vai fechar, está quebrado. Mas eu já falei com o Rubem Braga, expliquei tudo e ele disse que publica seu livro”. Aí eu voltei para cá e, pouco tempo depois, leio no jornal a notícia: a Editora do Autor (a editora do autor era de propriedade de Rubem Braga, Fernando Sabino e Walter Acosta. Faliu em 1966) quebrou, foi vendida à José Olympio (risos). Qual era o meu papel? Eu ia à José Olympio e dizia: “Esse livro ganhou o prêmio Orlando Dantas e estava para sair pela Editora do Autor, como Osman fez, né? Aí safa, mas não. Passou-se o tempo, foi quando escrevi outro, como era? (pausa) *Emissários do diabo*. Eu não tinha apoio, então escrevi para o Osman, se ele podia conseguir publicar. Ele disse: “Gilvan, não espere por ninguém! Você é um grande

“Não tenho inveja, nem cobiça, nada. Não... (pausa) Cobiça, não. Eu só não sou santo porque eu não morri ainda

escritor, mande seu livro para as editoras, sem modéstia, sem timidez. Mande para Civilização (Brasileira) sem citar meu nome, que estou brigado com Ênio Silveira (editor da Civilização Brasileira)”. Eu escrevi para Ênio e ele disse que eu mandasse. No mesmo mês recebi uma carta aprovando. Apenas pediu para mudar o nome, que era *Enviados do diabo*, porque disse que dois ‘dos’ ficava feio. Eu disse: “Pode mudar”. Resultado: 5 mil exemplares, autor inédito, durante semanas saiu naquela coluna dos mais vendidos, não era o primeiro lugar. De seis em seis meses fazia o apanhado dos livros, como é que chama?

Balanço?

Isso! Com seis meses Ênio me pagou 2.500 livros. Resultado: “Pronto, agora estou feito!”. Ênio foi preso como comunista, quebraram a Civilização Brasileira, o livro terminou sendo vendido a um cruzeiro nas ruas (risos). Vá vendo o caiporismo! Você conhece um conto de Machado de Assis chamado *Último capítulo*?

Não.

É um conto muito interessante de um cara azarado, desse tipo, né? Aí eu conto essas coisas e digo “vá vendo o caiporismo!”. Tem o caso de *Jutai Curumim*. Tinha *O Cruzeiro*, se lembra daquela revista? Mário Camarim era o diretor. Ele me escreveu porque Herberto Sales tinha trabalhado lá e tinha indicado esse livro a ele. Perguntou se eu queria publicar e eu mandei. Ele aceitou e mandou só uma retificação: sugeriu mudar o título para *Jutai Menino*. Eu deixei. Resultado: publicou, teve um êxito grande,

saiu reportagem n’*O Cruzeiro* e tudo. *O Cruzeiro* fechou e a editora fechou. Vá vendo o caiporismo!

Então você acha que a ausência de vaidade é que fez você ir perdendo essas oportunidades?

É. Agora, eu tive muitas chances, tive esses dois prêmios nacionais, aqui no Recife tive vários prêmios, mas não tinha vaidade porque não me consolidava. Quando eu estava assim, já no apogeu, vinha um contratempo e eu me lascava.

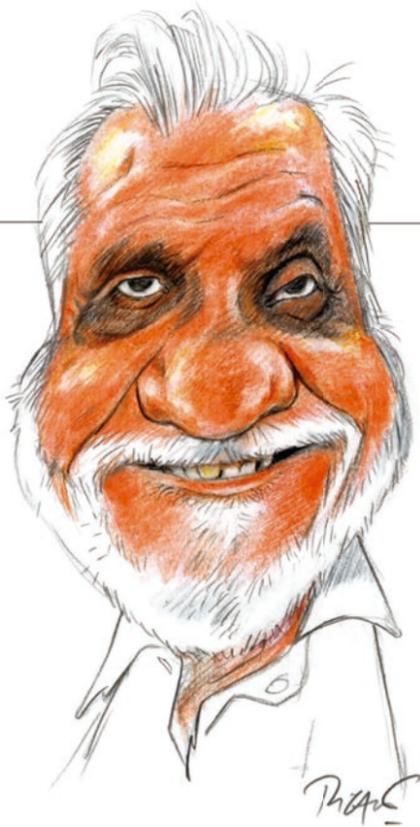
Gula.

Não. Desde menino eu era magro. Até 21 anos, quando vim pro Recife, meu peso era 44. Desde menino eu era, como mamãe dizia, fastidioso. Por exemplo, feijão eu não topava, ovo eu não topava. Mamãe sempre fazia um pratinho especial para mim porque eu não comia nada. Hoje você vê: eu estou morando sozinho, durante o dia eu almoço em restaurantes, à noite eu faço um cafezinho com um sanduíche e pronto.

Cobiça.

Pobre de mim. Claro que eu sempre desejei as coisas, mas fazer coisas impróprias para obter, nunca fiz não. Não tenho inveja, nem cobiça, nada. Não... (pausa) Cobiça, não. Eu só não sou santo, porque não morri ainda.

(Dei por encerrada a entrevista. Pedi que assinasse a papelada da repartição e apertei-lhe a mão. Lembrei do *Diário de Notícias*, de Rubem Braga, d’*O Cruzeiro*, da *Civilização Brasileira* e de Ênio Silveira. Confesso que tive receio de descer por aquele elevador antigo. Na sexta-feira treze nada aconteceu a Gilvan Lemos.)



Raimundo CARRERO

É conversando que a gente se entende

O narrador surpreende o leitor quando utiliza o diálogo interno no texto

O diálogo tem sido sempre uma técnica que encanta na prosa de ficção. Pelo menos, aqui, não penso nem de longe no teatro ou no cinema. Esse fascínio vem do fato de que ele exerce várias funções no texto, mais ainda quando substitui o narrador, mesmo o narrador onisciente tradicional, cuja tarefa passa a ser a de um organizador ou de um harmonizador da história. Passa a ocupar a posição de um maestro, que reúne as vozes. Desse modo, pode-se observar que a história é contada pelos personagens num movimento sutil e leve.

Um exemplo de diálogo com efeito narrativo encontro, por exemplo, em *Vida, jogo e morte de Lul Mazerk*, do admirável Ismail Kadaré. Na página 27 ele mostra uma conversa entre a personagem Violtza e um funcionário da ditadura comunista na Albânia. Faz um jogo perfeito, de modo que muitos dos interlocutores desaparecem completamente. Ou seja, o leitor sabe que houve uma pergunta, ou uma afirmação, mas, embora saiba quem fale, não percebe a presença. É algo que está escondido no contexto como se fosse uma narrativa convencional. Aqui e ali, o narrador dá indicativos, de forma que o leitor não se perde. Pelo contrário, reafirma-se. Basta prestar atenção.

Começamos pelo narrador através da personagem, que dá início ao texto, e passa a voz ao funcionário num estilo livre indireto:

“Fizera-se outra vez tão gentil e sensato como antes. Repetira que não queria dela nada de mais. Nem calúnia nem baixezas. Longe disso, só a verdade. Pelo bem do Estado e pelo bem de todos”.

Perceberam? Ainda não? É assim, vejam:

Voz de Violtza: “Fizera-se outra vez tão gentil e sensato como antes. Repetira que...”

Voz do funcionário: “...não queria dela nada demais. Nem calúnias nem baixezas. Longe disso, só a verdade. Pelo bem do Estado e pelo bem de todos”.

Por que falsa terceira pessoa? Porque está na terceira pessoa com técnica de primeira. É dessa maneira que se revela a falsa terceira pessoa, algo que seduz profundamente o leitor, porque nem sempre ele sabe quem está falando. Para decifrar a pessoa gramatical o escritor muda, por exemplo, o tempo verbal – ao invés de “queria”, “quero”, e suprime-se o pronome “dela”. A frase ficaria toda na primeira pessoa:

“...não quero nada demais. Nem calúnias nem baixezas. Longe disso, só a verdade. Pelo bem do Estado e pelo bem de todos”.

Alguns autores escrevem naturalmente: “Fizera-se outra vez tão gentil e sensato como antes. Repetira que não quero nada de mais. Nem calúnias nem baixezas. Longe disso, só a verdade. Pelo bem do Estado e pelo bem de todos”. José Saramago optaria pela primeira maiúscula ao mudar a voz: “Fizera-se outra vez tão gentil e sensato como antes. Repetira que não Quero nada de mais. Nem calúnias nem

baixezas. Longe disso, só a verdade. Pelo bem do Estado e pelo bem de todos”. A falsa primeira pessoa, porém, oferece mais sutileza e torna a narrativa mais harmônica, mais misteriosa e mais leve. Podendo, entre outras coisas, esconder ou revelar algo ao leitor, sem que ele perceba.

No próximo parágrafo, o narrador começa um jogo de perguntas e respostas plenamente misteriosas. Violtza, escondida pelo narrador, começa a perguntar mas sua presença não aparece e nem mesmo a voz, apenas o narrador percebe. A uma pergunta não escrita, que se mostra na sutileza do texto, ela pergunta: “Como se definiram por mim?”

O funcionário responde: “Ele não ocultava que, antes de se fixar em seu nome, tratara, como se deve, de acumular o máximo de informações sobre ela”.

A outra pergunta feita pela personagem mas não registrada no texto: “Qual o resultado?”:

“E o resultado preenchia exatamente o perfil

As técnicas do diálogo têm passado por muitas alterações desde a revolução narrativa de Flaubert no século 19

das qualidades que se requeria do colaborador em questão: moça culta, sincera, honrada, avessa a subterfúgios”.

O diálogo prossegue da mesma maneira, o leitor apenas adivinhando a voz da personagem:

“Por que não usa os velhos funcionários mais experientes, apesar das calúnias?”

“Já não se pode avançar com esses velhos funcionários que buscam apenas vinganças pessoais. Ela tinha razão ao mencionar calúnias. E o Estado fazia o possível para eliminá-las”.

Observaram bem? Observaram bem agora, apesar da cacofonia: “Ela tinha razão...” Fica mais do que claro que eles estão conversando, embora o texto pareça uma narrativa comum. O interlocutor nem sequer aparece, digamos, fisicamente e nem a voz está escrita. Mas é ouvida. Com certeza.

Para encerrar por hoje, basta mais esse exemplo e ela indaga:

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

CORDEL

Editora de Mato Grosso do Sul publica cordel escrito a seis mãos por dois paraibanos e um cearense

O cearense Rubenio Marcelo uniu-se aos paraibanos Fernando Cunha Lima (foto) e Odir Milanez para conceber o cordel *A Odisseia de Xexéu, Xana e Xibina – Uma saga do cotidiano*, publicado em forma de livro pela Life Editora, de Campo Grande (MS). O negro Xexéu e a loura, branca e de olhos verdes Xana se apaixonam. Casam-se e nasce Xibina, que Xexéu suspeita não ser sua filha. Padre, médico, cientista, pai

de santo, adivinho e cigana são convocados para atestar a real paternidade. Há uma série de peripécias, com vários motes sendo desenvolvidos a partir de cada problema que surge na vida do casal. A estória, então, envereda pelo fantástico, com furacões, viagens de barco e uma ilha meio mágica. O resultado é fluido, envolvente e com momentos bastante poéticos. Vale a leitura.

MARIA DAS GRAÇAS GOMES CUNHA LIMA



PEDRO MELO



“Não é uma ilusão?”

Resposta:

“Talvez isso lhe pareça idílico demais? Pois eu a convido a raciocinarmos juntos. Existe no mundo algum Estado que deseje ser enganado? Penso que concorda comigo que um Estado pode ter mil defeitos, mas nunca o de querer ser enganado. O Estado albanês não é exceção. Ele quer saber a verdade. E a verdade não será conhecida por meio

de gente senil ou intrigante, mas sim por pessoas como você”.

O “você” instaura definitivamente o diálogo. Afinal, é conversando que a gente se entende, não é?

É assim que o narrador onisciente paira sobre o texto e permite uma leitura do diálogo sem interrupções. Mas é claro que ninguém alcança esse nível sem trabalho e exercícios, que devem ser feitos diariamente.

A CEPE – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

1. Todos os originais de livros submetidos à CEPE são analisados pelo seu Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
 - Contribuição relevante para Pernambuco;
 - Adequação à missão institucional da CEPE e sintonia com a sua linha editorial, que privilegia obras inéditas, escritas ou traduzidas para o português; que tenham relevância para a cultura pernambucana, nordestina e brasileira, nos seguintes campos do conhecimento humano: científico, técnico, literário e artístico.
2. Para obter a aprovação com vistas à publicação pela CEPE, as obras devem preencher os seguintes requisitos de qualidade:
 - De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade).
 - De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração, originalidade da abordagem).
3. O Conselho Editorial não analisa:
 - Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.
 - Livros individuais ou coletivos na condição de projeto. Os textos devem ser entregues com o seu conteúdo pronto, acabado, sem acréscimos nem rasuras.
4. Serão imediatamente desconsiderados e rejeitados originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:
 - Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
 - Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.
5. O Conselho não recebe dissertações ou teses em estado bruto (devem ser feitas as reformulações necessárias de modo a reduzir o excesso de tecnicismos típicos do trabalho acadêmico).
6. As obras, inclusive as coletivas, devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e análise final da obra.
7. O autor deve enviar à CEPE cópia impressa dos originais em quatro vias.
8. Não são recebidos originais em CD, disquete, e-mail ou qualquer outro formato eletrônico.
9. O comprovante de envio dos originais pelos Correios (AR – Aviso de Recebimento) valerá como protocolo de entrega.
10. Em caso de entrega dos originais na sede da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, o portador deverá se dirigir à secretaria da Presidência, onde assinará o protocolo.
11. Todos os originais são de responsabilidade exclusiva do autor. O Conselho não se ocupa de eventuais perdas ou danos no trajeto de encaminhamento nem devolve os originais recebidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Rua Coelho Leite, 530 – CEP: 50100-140
Santo Amaro – Recife – PE.
Informações adicionais pelo telefone:
(81) 3183-2708



GOVERNO DE
PERNAMBUCO

EDUCAÇÃO

Museóloga propõe programa de integração

Dentro de sua *Coleção Arte e Educação*, a Editora Unesp está lançando o livro *Inclusão social e cultural: arte contemporânea e educação em museus*, da museóloga Gabriela Suzana Wilder. Ela propõe que não só os museus sejam um lugar de atos pedagógicos visando crianças marginalizadas cultural e socialmente, como também levanta a necessidade de uma musealização dos espaços escolares, elaborada em torno da história da arte.

SUCCESSO

Nova série de aventuras envolvendo jovens tenta repetir o sucesso de Harry Potter e terá primeiro filme

Nova série de aventuras envolvendo jovens tenta repetir o sucesso de *Harry Potter* e terá primeiro filme sob direção de Steven Spielberg. A editora norte-americana Scholastic, que lançou o bruxinho, parte para novo filão com a coleção *The 39 clues*, composta de dez volumes, que mistura segredo de família com informações sobre fatos históricos. O primeiro livro da série, *O labirinto de ossos*, de Rick

Riordan, vai virar filme no ano que vem. A Editora Atica, responsável pela série no mercado brasileiro, está lançando agora o segundo livro da coleção, *Uma nota errada*, de Gordon Korman. A série conta as aventuras dos órfãos Amy e Dan Cahill, que viviam uma vida sem graça, até terem que escolher entre receber uma herança de um milhão de dólares ou a primeira de 39 pistas de uma caça ao tesouro.

CAPA

HALLINA BELTRÃO SOBRE ILUSTRAÇÃO DE BILL WATTERSON

As crianças objetivaram a subjetividade em tirinhas de jornais



Como preencher os espaços em branco?

Onde foi parar a ideologia de autores como o argentino Quino nas tirinhas de hoje?

Carol Almeida

“- É terrível ver que as pessoas se interessam mais por qualquer novela de televisão do que pelo problema do Vietnã.

- Bem...Pode ser terrível mas também é lógico.

- Por que?

- Porque na verdade ninguém se interessa por uma luta entre maus e bons, quando não se sabe o nome do mocinho.”

A conversa, como se percebe pelo elemento geográfico mencionado, não mais pertence a este dia que vos acorda pelo despertador, mas não deixa de soar como um estalo de que o tempo costuma fazer sentido mesmo depois de dobrar a esquina. Os interlocutores do diálogo acima respondem pelo nome de Mafalda e Filipe, duas crianças que ficaram conhecidas nos anos 1960 e 1970 quando o cartunista argentino Quino resolveu expurgar seu rancor pela ditadura (argentina e latino-americana de uma maneira geral) com personagens acima de qualquer suspeita. Afinal de contas, quem pode culpar crianças por seus quase escandalosos arroubos de sinceridade? Não, não se podia culpar as crianças, mas certamente havia um culpado em cena e, como diria Filipe a Mafalda, numa luta entre maus e bons, é costume saber o nome do mocinho para que se possa distinguir o vilão.

As tirinhas de Mafalda se tornaram um símbolo de uma geração que falava em vilões (televisão, capitalismo) porque acreditava em mocinhos (diálogo, comunismo). E as crianças eram porta-vozes dos argumentos que não apenas cutucavam os adultos, como divertiam as próprias crianças. Mais ou menos como os bons filmes de animação fazem hoje. Publicadas em jornais que, por muito tempo, serviram como único meio de acesso à informação, essas tiras tinham como base uma certa angústia existencialista que se reflete em vários artistas do pós 2ª Guerra e ganha nova dimensão com a ameaça nuclear que se instala no mundo bipolar de capitalistas e comunistas. Antes e depois de Mafalda, outras crianças objetivaram a subjetividade em tirinhas de jornais: a turma do Charlie Brown e Calvin, apenas para citar exemplos mais populares.

Independentemente do contexto – paranoia do comunismo, paranoia do capitalismo, paranoia da vidinha comum – é fato que as tirinhas de jornais sempre carregaram uma ligação histórica com a crônica social de seus respectivos tempos e por diversas vezes isso se desenhou em crianças a quem nos apegamos facilmente. Hoje, as tirinhas esticaram suas cabeças para fora dos jornais e, mais distinto ainda, deixaram de ser aquele elemento que ligava diferentes gerações



em um só objeto de leitura. Os jornais, os quadrinhos e as crianças não são mais os mesmos. O mundo lá fora não é mais o mesmo. Quanto aos mocinhos e vilões, esses simplesmente não são mais. Pode ser “terrível, mas lógico”, como diria Felipe, o fato de que a luta entre bons e maus virou uma luta de personagens sem nomes ou ismos vistos a olho nu. Porém, ao contrário do que prenunciava Felipe, há sim quem se interesse bastante por essa luta.

Existe um novo cenário para as tirinhas em quadrinhos que não é melhor ou pior que aquele da época das tirinhas de Charlie Brown, Mafalda ou Calvin. Mas assim como todas os quadrinhos dos personagens acima citados, as tirinhas que são publicadas hoje, uma parte pequena em jornais e a maior fatia na internet, espelham diversos elementos de quem somos hoje e para que direções olhamos. É certo que toda a ideia de rever o nome de Mafalda, justamente em um ano eleitoral, começou com um perfume nostálgico cheirando a mofo de conceitos políticos que costumavam nos conduzir por estradas onde só existiam dois sentidos: esquerda e direita. Ir em frente ou pegar, quem sabe, uma diagonal, era impensável. Poderíamos argumentar então que diversas linguagens artísticas – cinema, música, romances – poderiam igualmente nos apontar uma distinção de contexto histórico, por que então criar uma problemática com tirinhas de quadrinhos?

Porque num tempo em que frases de efeito são laboriosamente criadas para caber em 140 caracteres, fundir vários elementos de uma sociedade tão disforme em tirinhas de quatro, três, dois ou apenas um quadro é tentar entender como o senso crítico se manifesta em sua forma mais sucinta e, claro, mais bem-humorada. Nos editores de quadrinhos e jornalistas que cobrem a área fomos buscar um contexto de ontem e de hoje. Em três cartunistas vastamente – na medida da vastidão segmentada da internet – conhecidos por suas tirinhas procuramos motivações.

O que faremos então é relativizar alguns valores das tirinhas daquele momento específico da Mafalda e das tirinhas tais como o público brasileiro as consome hoje – ou não mais consome, enfim. A começar por contextos históricos.

“Durante boa parte dos anos 1970 e 1980 havia uma angústia imensa com relação ao futuro, um pensamento de ‘viva intensamente o hoje porque o amanhã é incerto’”, lembra o jornalista e escritor Gonçalo Junior (*Guerra dos gibis*). Gonçalo aponta que várias tirinhas terminaram refletindo essa angústia e que, em razão dela, “as pessoas se apegaram muito a ideias socialistas

e comunistas e com certa ingenuidade se buscava um regime que fizesse oposição à ditadura”.

O também jornalista Sidney Gusman, editor de HQ que trabalha com Maurício de Sousa, corrobora com a ideia de que “falta um inimigo público e os autores não têm muita saída em achar em como substituir isso”. André Conti, editor de quadrinhos da Cia das Letras, lembra que, a despeito de qualquer pano de fundo, o artista sempre irá refletir angústias que são sobretudo suas e, quem sabe, são do mundo também. “A rigor, a tira de quadrinhos, como qualquer outra criação, não tem obrigação de servir a nada, de ser crítica ou não. Tudo que tem uma função se esvazia”, pontua Conti. “No caso do Charlie Brown, por exemplo, a grande batalha ali era uma coisa do (Charles) Shultz com ele mesmo, com a falta de jeito dele com o resto do mundo”, frisa Conti.

No entanto, assim como nenhum homem é uma ilha, nenhum artista vê apenas a sua imagem no espelho. Conti contextualiza: “O próprio Mindoim dos anos 1970 fica muito cínico, para se transformar em algo mais comercial nos anos 1980. Até que nos anos 1990 os personagens ficam mais frios, melancólicos, reflexivos e aí Shultz termina de publicar.”

Qual, portanto, o cenário dos anos 00 até o presente momento? Segundo as tirinhas de quadrinhos, que foram ficando cada vez mais adultas e centradas em um público com uma formação de ideias já melhor maturadas, do lado de fora da janela existe uma paisagem cujos conflitos são caça vez menos politicamente ideológicos e com uma constância de ideias de que só se materializa em sua inconstância. Na falta de uma ameaça nuclear, as paranoias se fragmentaram em pequenos grandes medos que se espalham via spam, numa esfera pública que já há algum tempo deixou de se ver refletida em grandes meios de imprensa, ainda que estes ainda pautem boa parte dos debates que ganham força em redes sociais.

Para onde e por onde mirar então? As tirinhas, espalhadas em links e livros, sendo algumas poucas publicadas em jornais e revistas, sugerem que as preocupações de cada um, ao contrário do que imaginávamos, têm sim um direcionamento coeso que aponta para uma reflexão sobre essa volatilidade de tudo e de todos. A dissolução dos valores, o politicamente correto, a velocidade com que um assunto deixa de ser interessante, biografias de celebridades de 16 anos, mudança constante dos suportes, tudo isso é hoje nosso grande motivo de piada. E sim, para o bem de nossa sanidade, continuamos a rir de nós mesmos.

As tirinhas deixam de ser fundamentalmente politizadas ou, até certa medida em que Mafalda

refletiu isso, panfletárias. A não-ideologia é a nova ideologia. Ou, na opinião de Gonçalo Junior, “hoje você não tem mais ideologia para acreditar além da ideologia celestial. Se existe uma ideologia hoje ela é Deus, é uma Guerra Santa”. Sidney Gusman, por sua vez, acredita que “temos nos tornado vítima da globalização e acho que os autores ainda precisam achar o caminho pra se comentar isso, um caminho que atinja adultos e crianças”. De onde chegamos ao segundo ponto de valores em comum entre todas as tirinhas que, um dia, já usaram elas, as crianças, como personagens centrais.

O ELEMENTO SHREK

“Suspeito que podia ser um truque inteligente esse de usar crianças em tirinhas. Isso porque as crianças mandavam os pais comprar o jornal de domingo, que era mais caro, pra que elas pudessem ler essas tiras”, acredita André Conti. Funcionando como porta de entrada para leituras subjetivas para cada faixa etária, as tirinhas estreladas por crianças eram tudo, menos infantis. O fato, no entanto, é que elas conseguiam dialogar com todos os públicos.

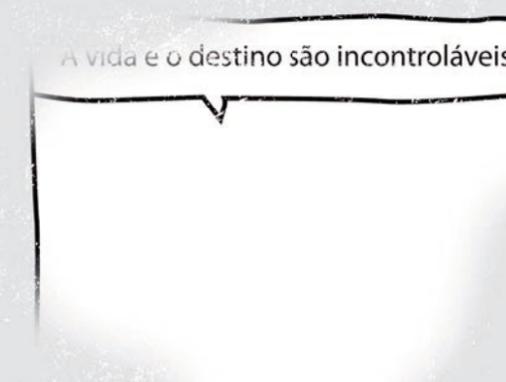
“Dia desses fui assistir ao novo Shrek com meu filho. Ele ria muito de umas coisas enquanto eu ria com outras. O filme é feito para agradar a nós dois e sinto falta disso hoje nas tirinhas que, com algumas exceções, são mais focadas no público mais velho”, continua.

A citação a Shrek lembra que o desaparecimento das crianças nas tirinhas de quadrinhos é mais um fenômeno de mídia que de mudança de comportamento. Afinal de contas, qual a criança que pega um jornal hoje? Com franquias de animação, games e redes sociais, fica difícil imaginar meninos e meninas indo buscar algum tipo de diversão em tirinhas de quadrinhos. De certa forma, isso libertou vários artistas de uma necessidade de mercado que havia em atrair o público mais jovem e introduzir neles as primeiras noções de histórias seriadas.

Dispensados da obrigação de se fazer entender, os cartunistas começaram a concentrar seus esforços neles mesmos e em dilemas que não mais precisavam se desculpar por terem nascido em mesas de bar. E, a bem da verdade, as crianças não desapareceram das tiras de quadrinhos. Elas só não mais respondem por nomes familiares, nem são usadas como elemento amortizador para que os quadrinhos sejam encarados como leitura inteligente. Mafalda se espantaria com tamanha evolução e se assustaria, ela e Filipe, ao entender que, cada vez mais, os mocinhos não têm nome, porque os vilões somos todos nós.

CAPA

HALLINA BELTRÃO SOBRE ILUSTRAÇÃO DE CHARLIE SCHULZ



Eis que surge então um cenário aberto para artistas como André Dahmer, Allan Sieber e Clara Gomes. Três cartunistas que publicam tiras diárias e, com propostas distintas – ainda que os trabalhos de Dahmer e Sieber sejam semelhantes em sua visão de mundo –, eles alimentam a rede com tiras que dialogam com os seus, grupos de pessoas que se entendem na universalidade das tribos e na epistemologia do cotidiano.

Dahmer é o nome por trás de *Os malvados* e promove ocasionalmente encontros anuais dos donos do mundo. Suas tiras não perdoam a humanidade. Sieber é o cara que assina tiras como *Vida de estagiário* e *Preto no branco*. E ele não perdoa os publicitários (e todo o resto da humanidade também). Clara Gomes é bem menos rabugenta que os dois artistas acima citados e é conhecida hoje pela tira dos *Bichinhos de jardim*, cujo diminutivo no título indica um tom bem mais afável com o público. Todos os três, no entanto, lidam diariamente com a piada pronta que é observar o mundo. Tentamos entender, com perguntas iguais que foram enviadas separadamente a eles, de que maneira suas tiras refletem uma consciência crítica que, para repercutir, não pode de maneira nenhuma ser levada a sério.

As tirinhas têm uma história intimamente ligada a uma crítica política e social, embora essa crítica nunca tenha sido um pré-requisito. Você acredita que contextos históricos ajudam a instigar autores a criarem um humor de preocupações sociais ou essa instigação nasce em cada autor, independente do tempo em que ele se encontra?

André Dahmer – Claro que o momento histórico conta muito, mas acho que é mesmo uma questão pessoal, de vocação. Conheço gente que nasceu para fazer humor de cunho político, simplesmente não consegue fazer outra coisa.

Allan Sieber – Pessoalmente acho que todo cartunista tem que ter uma visão crítica do mundo, o que não impede, porém, o surgimento de cartunistas retardados e de quase extrema direita.

Clara Gomes – Todo trabalho artístico reflete as vivências e anseios do autor. Mas até na época da ditadura explícita existiam pintores que enchiam telas de vasos floridos. Acho que o autor escolhe a linha de seu trabalho e coloca suas verdades ali. Se ele está presente, se é questionador e inquieto, isso vai aparecer no desenho, no texto...

Várias crianças já serviram de porta-voz para autores que, de certa forma, foram excepcionais cronistas de seu tempo: De Sobrinhos do Capitão,

passando por Charlie Brown, Mafalda até mais recentemente Calvin. Por que as crianças foram sumindo das tirinhas?

Dahmer – Acho que os quadrinhos ganharam de vez o público adulto, hoje não é feio um cara de 40 anos ler quadrinhos no metrô. Talvez tenha relação com isso, mas talvez seja o mundo que está ficando muito duro, não sei...

Sieber – É uma boa pergunta. Talvez tempos atrás as crianças eram “mais crianças”, no sentido de serem uma tela em branco, um ser ainda em formação, cheio de questionamentos sobre o mundo e o que as cerca. Hoje em dia a criança é bombardeada pela TV, videogames e internet e creio que não precisa se fazer muitas perguntas. É só ir no Google.

Clara – Ainda vejo crianças em tirinhas muito bacanas, como nos trabalhos do Liniers, Kazu Kibuishi, do meu amigo Pablo Carranza... Mas, no âmbito geral, ainda existe uma necessidade de os artistas brasileiros mostrarem que quadrinhos não são ‘coisa de criança’.

Na época da Mafalda, havia um inimigo público bastante visível: o capitalismo. Hoje, não há mais mundo bipolar e o inimigo público é um ser cada vez menos palpável (talvez os inimigos sempre tenham sido os “ismos”). Fica mais fácil fazer tirinhas que tocam na ferida quando somos nós os “malvados”?

Dahmer – Não somos os inimigos, mas também não somos vítimas de um mundo imutável. O mundo é uma construção coletiva e dinâmica, todos nós devemos ficar atentos para isso. *Malvados* fala de egoísmo, ganância, falta de percepção do outro... É a minha contribuição para o mundo, para a uma construção coletiva do mundo.

Fica mais fácil ou difícil fazer tirinhas quando não temos a quem culpar?

Sieber – Sempre temos a quem culpar: nossos pais, o Governo, os publicitários. Mas a verdade é que hoje a juventude – entre 18 e 28 anos – é muito bunda-mole, demora para sair da casa dos pais e prefere não brigar com ninguém para não perder a mordomia de ter suas roupas íntimas lavadas pela mamãe. Esses dias conheci um cara que se orgulhava de nunca ter fumado maconha até os 25 anos. Veja bem.

Clara – As esperanças foram diluídas pelas promessas vazias do consumismo (olha, sobrou um ‘ismo’ aí!). É difícil pra todo mundo que trabalha com arte e fácil pra quem se dedica ao entretenimento. Mas o humor pode se encaixar no meio dos dois, trazendo questões e reflexões sem causar mal-estar. É um desafio interessante.

A ideia de “futuro” é algo que se passa na sua cabeça quando você pensa suas tiras?

Dahmer – Gosto do presente, não planejo muito a vida. Acho arrogante, a vida e o destino são incontroláveis. Por outro lado, quero ficar velho, gosto da vida e pretendo apagar a luz quando a festa acabar.

Sieber – Não, é mais a ideia de “no future”, berrada pelo jovem John Lydon no disco dos Sex Pistols gravado há mais de trinta anos.

Clara – O futuro nos assombra em todas as atividades do dia. Estamos sempre fazendo algo e pensando no depois, ao mesmo tempo. Mas quando realizo meu trabalho, preciso estar no momento presente. Num trecho do *Rubayat*, Omar Kháyyám diz: “De que serve repetir que o tempo sob os nossos pés já vai fugindo? O amanhã não nasceu e o ontem já morreu, por que hei de me importar, se o dia de hoje é lindo?”

“Ideologia, eu quero uma pra viver”. Ainda se compra essa ideia?

Sieber – Compra, mas no mercado negro e é de segunda mão.

Dahmer – Não ter ideologia também é uma ideologia. É como ser ateu: apenas mais uma forma de crença. Claro que o dinheiro pelo dinheiro é uma das mais sólidas ideologias vigentes, mas há muita gente pensando o mundo de outra forma, conheço muitas.

Clara – Com certeza. Talvez a ideologia de políticas partidárias esteja em baixa, mas shows de rock e as igrejas estão lotados, não? A busca de um significado maior continua.

O conceito da tese, antítese e síntese ainda ajuda a construir uma tira?

Dahmer – Uma tirinha precisa ser engraçada, simples assim.

Sieber – Nunca usei isso, mas começarei a pensar sobre.

Clara – Apreendi tudo intuitiva e empiricamente. Não sei filosofar sobre o tema...

Se alguém te falasse que o seu trabalho é uma ferramenta de consciência crítica, o que você diria?

Clara – Eu diria: “Se for uma ferramenta de consciência crítica divertida, fiz um bom trabalho.”

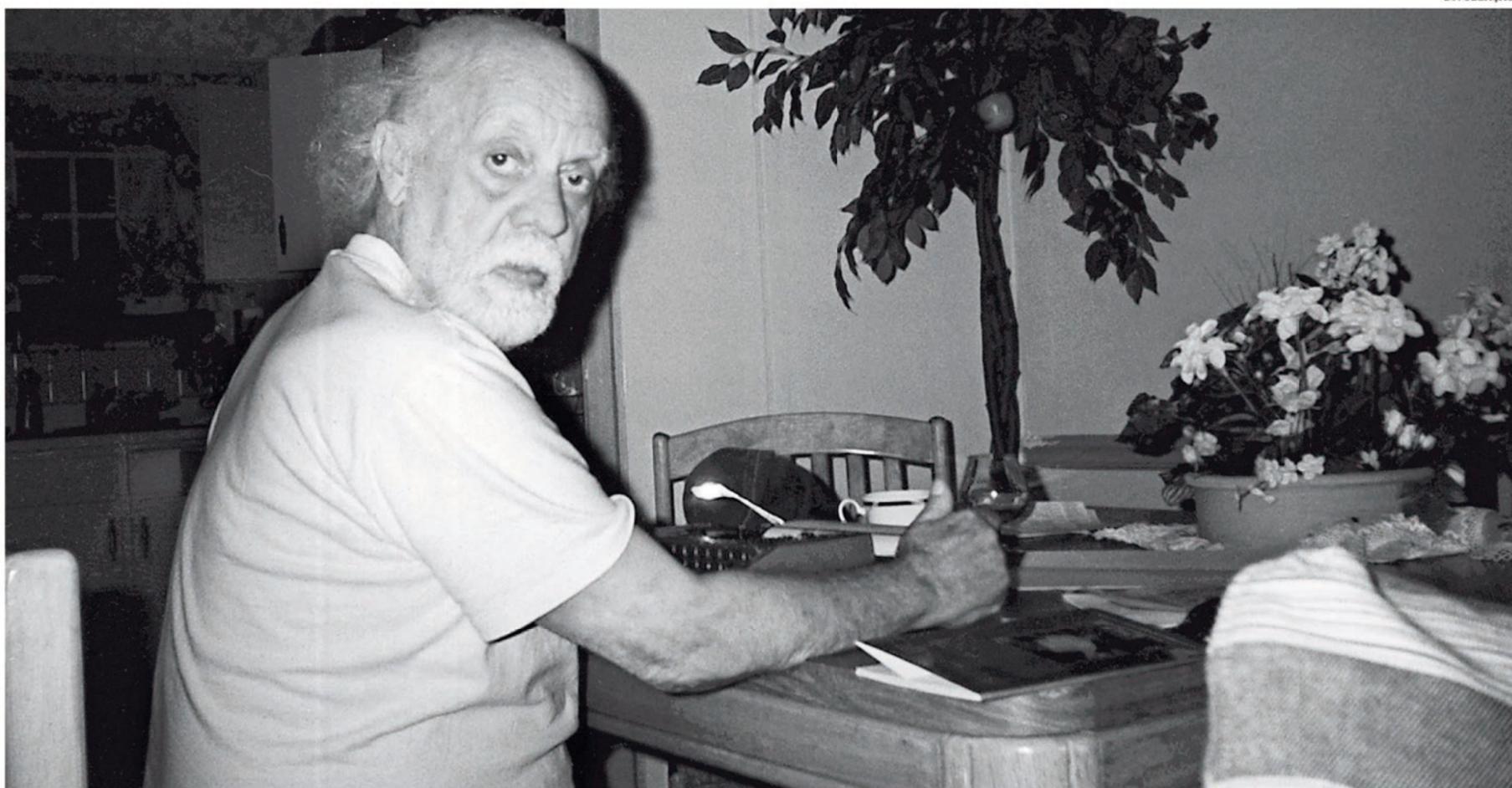
Dahmer – Pediria para me pagar uma bebida.

Sieber – Eu diria que essa pessoa está lendo os livros errados ou passa muito tempo na internet.

Carol Almeida é jornalista e mestra em comunicação social.

RESENHA

DIVULGAÇÃO



A vã ilusão de ensinar um leitor a “ler”

Poesia de Geraldino Brasil faz pensar no controle que um autor tem de sua obra

Raimundo Carrero

A luz ou a sombra sempre condicionaram a minha leitura. É assim com todas as pessoas? Não sei, não faço a menor ideia. Mas gosto muito do amanhecer, quando é possível observar a madrugada saindo do escuro para, pouco a pouco, ganhar a luz. É nesse instante que sinto uma espécie de comunhão com a humanidade. E, claro, com a natureza. O mundo se cobre de oscilações, indefinições, sombras.

Por isso tenho o hábito de observar meus personagens e de procurar neles as sensações das mudanças da luz. No entanto, encontrei isso especialmente em *A minha alma é irmã de Deus* (Editora Record, Rio de Janeiro, 2009) quando compreendi o espírito de Camila, minha personagem. E nela descobri o ritmo do romance. Todo o ritmo. É verdade. Veio daí a necessidade de indicar horários para a leitura do livro.

De repente, senti que ela mudava de acordo com a luz. No pórtico do meu livro, escrevi: “O autor recomenda a leitura desta narrativa das duas às seis horas, comungando-se da lenta passagem entre a sombra e a luz, que se tornará mais leve e melancólica no começo da manhã, quando a história atinge o momento de repouso e humildade”. Sei que é uma ousadia. Reconheço. Mas imaginava o leitor dormindo cedo da noite para acordar depois da meia-noite, tomando banho e vestindo-se adequadamente para ler meu romance.

É interessante como os autores, na maioria das vezes, têm a veleidade de conduzir o leitor. A ilusão de poder indicar horários e situações. Até porque é assim, sem dúvida, que gosta de escrever; que sente os nuances de sua obra; as situações das suas cenas e dos seus cenários, caminhando sobre brasas ou deliciando-se com a doçura do orvalho. Até porque escrever é um exercício de leitura. E o seu primeiro leitor é ele mesmo, sentado numa poltrona, na cama ou na rede. Eventualmente, no meio-fio da calçada.

Não, não gosto de leitores que leem só de calça, por exemplo, sem camisa e descalço. Nada disso. O romance exige um rito. É preciso que tome um banho, vista-se de roupas leves e comece a ler. Assim perceberá, claramente, que a noite vai cedendo espaço à madrugada e, em seguida, ao amanhecer. Vejo agora que Geraldino Brasil, o grandioso poeta pernambucano, é diferente, bem diferente de mim. Parece não gostar do amanhecer ou do anoitecer. Pelo menos é o que revela nesse livro belo e terno que é *A intocável beleza do fogo* (Cepe, Recife, 2010). Um achado. Esse título é verdadeiramente um achado.

Nos distanciamos – seria mesmo um distanciamento? – quando falamos da criação segundo o tempo. Ele volta a dizer que não escreveria de dia, que nada acontece ao amanhecer. Revelo no meu romance: “Ou um poema ao anoitecer. É certo que ao anoitecer já carregamos as dores leia-se das quatorze às dezoito horas, nesse instante em que as personagens ficam repletas de solidão, silêncio e sabedoria”. Assim mesmo: a leitura é uma cerimô-

nia, uma requintada cerimônia que será realizada conforme a história ou conforme os personagens. O que se torna ainda mais relevante quando se trata de um poema. Um poema com a qualidade de Geraldino Brasil, que conhece os ritmos, a cor das palavras, o sentimento da luz.

Assim, lembrando Rimbaud, que viu as cores das vogais em poema célebre. É claro que aprendi os jogos de luz e cor das palavras desde a infância, desde aqueles primeiros instantes em que coloquei os olhos numa página nos remotos anos da década de 1950, quando aprendi a ler. É certo, não aprendi a ler na escola, não tenho muita lembrança disso. As primeiras lembranças me vêm das tardes ensombreadas de Salgueiro, minha cidade, geralmente sentado no chão, com um livro sobre as pernas. Ensombreadas, diga-se de passagem, porque atrás dos balcões de tecidos da loja do meu pai. É nesse sentido que posso compreender a leitura do poeta pernambucano.

Sem dúvida, é essa sensação de cores e luzes de cada uma das vogais e de cada uma das consoantes que deslumbram os escritores desde os primeiros momentos. Com certeza, desde aquele primeiro momento em que as letras e as palavras são colocadas diante dos olhos sem que ainda estejam decifradas. Ainda são garatujas que pedem revelação. Eu me lembro, eu me lembro perfeitamente do dia em que me sentei no chão para escrever a primeira palavra. E ela veio, veio inteiramente e resplandecente. Era a palavra Elefante. A primeira palavra que escrevi. E ouvi o grito entusiasmado da professora. A palavra estava ali, viva, palpante.

Aprendi a escrever e, portanto, a ler. Fiz-me amante dos textos e dos poemas. Tanto quant o Geraldino, para somente mais tarde investir na compreensão exata do que escrevo e do que leio. Observe-se que ele oferece em seu livro uma poética muito particular de sua obra, no que demonstra uma lucidez incrível da realização literária. Algo surpreendente, porque sempre vimos nele um escritor espontâneo; desses que não evitando a clareza da escrita, também não se apoiava nela com a clareza didática. De forma alguma, assim também seguindo a trilha dos grandes, Geraldino demonstra que conhece o passo a passo das palavras, das sentenças, dos versos claros e iluminados.

Estamos juntos, assim.



LANÇAMENTO



A intocável beleza do fogo
 Editora CEPE
 Páginas 118
 Preço R\$ 30
 Data: dia 19, às 19h, na Livraria Cultura

FILOSOFIA

O zíper nem sempre desliza assim tão fácil

Filósofo lança um olhar irônico sobre aquilo que entendemos por fashion

Fabiana Moraes



HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO

Lars Svendsen, autor do livro *Moda – uma filosofia* (Zahar), é um intelectual que tem a feliz iniciativa de levar o que fala e o que faz a sério, mas sem acreditar que os deuses do saber habitam somente e tão somente o Grande Espaço Acadêmico. O jovem professor da Universidade de Bergen, na Noruega, arvora-se por um tema tão palpitante quanto perigoso mesclando, seja em aberturas de capítulos ou análises teóricas mais consistentes, Gadamer, Nietzsche, Paul Valéry, The Clash, Kant, Absolutely Famous, Baudelaire, Depeche Mode e Barthes, entre outros. Mas o autor não tem pretensão de soar moderninho e iconoclasta ao mesclar hermenêutica e punk: colocando a cara à tapa, ele critica e questiona algumas verdades estabelecidas no estudo da moda, como a roupa como linguagem e os tais significados que emergem do vestuário.

Autor de *A filosofia do tédio*, lançado no Brasil, Svendsen escreve de maneira direta e às vezes até irônica sobre um tema que nos últimos dez anos deixou de ser conversa restrita a “iniciados” para ganhar tanto as ruas (na medida em que ser “fashion”, seja lá o que isso signifique, virou um imperativo extra-classes) quanto as salas de aula das universidades mais sisudas. Pode-se até acreditar que a moda seja um assunto absolutamente fútil, uma mera questão de escolher entre esta ou aquela roupa, mas basta aproximar-se um pouco mais do tema para entender que o zíper nem sempre desliza tão fácil. Uma boa maneira de perceber tal panorama é deixar de acreditar que moda refere-se apenas ao vestuário: ela fala sobre o design do carro que passa na rua, o assunto que é debatido nos jornais, o tipo de comida que você encontra – ou não – no supermercado, o movimento político que é divulgado em um outdoor.

Não por nada é que o próprio autor inicia seu livro informando que aquilo que o leitor tem nas mãos não é o produto que o próprio escritor havia planejado inicialmente. Svendsen encontrou tantas abordagens quanto senões nas suas primeiras incursões filosóficas sobre o tema moda. Reconhece: sua análise se tornou mais crítica do que ele próprio pretendia, já que o assunto precisa de um rigor necessário ao aprofundamento de todo e qualquer objeto de investigação. São oito capítulos nas pouco mais de 200 páginas originalmente publicadas em 2004. Neles, nos aproximamos de questões como a ideia do novo; a relação entre moda e arte, corpo, consumo e linguagem; a difusão da moda e esta como um verdadeiro ideal de vida. Há também um apêndice no qual o filósofo escreve sobre a crítica de moda (texto apresentado durante sua participação num seminário realizado ano passado em São Paulo). O norueguês abre o livro numa interessante análise sobre a aproximação da moda e da filosofia, cujo namoro é mais conhecido no Brasil através da obra do sempre evocado Gilles Lipovetsky. Aqui, ele avisa de saída, não adianta, mesmo entre aqueles de seu próprio campo de conhecimento, ridicularizar a temática ou localizá-la como assunto deste ou daquele grupo social: é praticamente impossível ficar fora, hoje, do domínio da moda. Mesmo os mais pobres estão incluídos no universo da moda ao reconhecerem que estão fora dele.

Avançando num espaço cuja teoria ainda está em evolução – como toda e qualquer respeitada teoria deve ser –, Lars Svendsen, ao falar sobre o novo e sua absoluta necessidade para a existência da moda, observa como esse novo surge e se espalha entre nós. Aí, ele vai além de “tendências” e “ciclos de moda”





para observar que hoje não faz sentido acreditar que algo “está fora de moda”: se antes tal lógica seguia a ideia da substituição, hoje estamos no momento de uma lógica de suplementação ou, melhor dizendo, de acumulação. Isso significa dizer que agora uma roupa ou estilo não sai de cena simplesmente para dar lugar a outro: a velocidade da moda contemporânea faz com que tais roupas e estilos tornem-se simultâneos, que diferentes olhares e vontades coexistam num mesmo momento, onde dizer o que é “novo” e “velho” não é tarefa fácil. Há aí, no entanto, algo que precisa ser reconhecido: apesar da acumulação ser uma realidade, é certo que há uma regularidade – principalmente mercadológica, é claro – em trazer um novo que visa encerrar, nem sempre com êxito, determinado “comportamento fashion”. Um exemplo fácil é que neste exato momento o decorativismo, os volumes e estruturas que deixaram os corpos robóticos e barrocos (Balenciaga e Alexander McQueen são ícones desse estrutural-suave) estão dando lugar a uma “limpeza” nos looks que une os 1960 e os 1990. Vão falar em recessão e outras desculpas para explicar tal mudança, mas ela é produto antes de mais nada da necessidade de fazer o olho respirar e ver algo novo, ainda que esse novo tenha seus sessenta anos de idade.

Outras searas estabelecidas no estudo da moda também são observadas criticamente por Svendsen, como os princípios de imitação (voltado para classes acima da nossa) e o de diferenciação (voltado para pessoas de nossa própria classe), duas ideias fundadas em Veblen, um dos clássicos da área. Para este, a moda era antes de tudo um demarcador de status social, um artifício utilizado por aqueles não privilegiados para,

ao menos, parecerem privilegiados. Mas, através de Simmel, o professor norueguês observa que o domínio da moda não é uma característica exatamente das classes mais empoderadas economicamente. A partilha dos princípios que regem tal espaço é ampla, difusa, basta pensar na vanguarda e naqueles que a detonam (artistas que quase sempre não possuem magníficas contas bancárias). Ao mencionar que não consumimos uma determinada moda apenas porque ela vem “de cima”, de um grupo específico, o autor envelhece uma das mais recorrentes ideias do espraiamento da moda, a do “gotejamento”. As classes altas, aliás, também chegam a imitar as classes inferiores, lembra. É interessantíssimo quando, no capítulo dois, somos informados que a adoção do estilo “inferior” pelos “superiores” já aparecia no século 16, quando as roupas rasgadas usadas pelos soldados mercenários começaram a ser adotadas pelas classes altas. Não sejamos ingênuos, no entanto, em acreditar que essa imitação significa qualquer adesão, humanização ou politização: a calça rasgada do mendigo difere-se tanto em dígitos da calça rasgada da Diesel quanto no aspecto simbólico de cada uma. Há um imenso abismo entre as duas.

Outra verdade repetida mas não questionada é o fato de as roupas serem uma linguagem. Neste sentido, ele simplesmente desmonta a ideia de Alison Lurie, autora de *A linguagem das roupas*: ela defende que o vestuário tem uma gramática própria, assim como um vocabulário distinto. Nos expressamos através de suas peças, falamos através de vestidos, gravatas e meias – é inclusive possível perceber nossas “falhas” psicológicas através de eventuais marcadores estilísticos (a mulher com mais de 30 e seu apego

por babadinhos infantis). Svendsen apresenta tais concepções para depois informar: Lurie comete uma interpretação que em vários momentos chega a ser uma paródia, é ingênua em suas analogias. Aí, ele saca outro teórico comum no estudo da moda, Barthes, para observar melhor essa aproximação entre moda e linguagem – uma quase covardia com Lurie, bom dizer. Mostra que a análise semiótica baseada em significante (a roupa em si) e significado (o que esta roupa expressa, seja para mim ou para o mundo que me cerca) é um terreno mais do que fértil para analisar o comportamento das roupas, apesar de tal terreno ser feito de areia movediça. O significado tem relação com quem diz e com quem olha, como aquele e este olham, como tal olhar se incrusta neste ou naquele cotidiano. Ao mostrar o caráter absolutamente instável que tais significados possuem num mundo feito de fragmentos, contextos e perspectivas díspares – o que coloca o próprio estruturalismo no qual um dia se baseou Barthes em questão –, Svendsen chega a uma interessante conclusão: a moda está bem mais próxima da música e das artes visuais do que da linguagem.

Apesar de observar esse pluralismo e a horizontalização (não total, importante dizer) da moda, Svendsen concorda que o conceito de liberdade que é frequentemente relacionado ao tema é extremamente frágil: quando geralmente nos opomos a um estilo, dizemos não a determinado código, o substituímos por outras normas estéticas. A imensa oferta visual, lembra ele evocando Anne Hollander, é fortemente tirânica: precisamos hoje escolher estilos de vida antes mesmo de entendermos quem mesmos nós somos. Nessa relativa liberdade moderna, a coerção, assim, reside na recusa de uma tradição anterior para a sujeição

A calça rasgada do mendigo difere-se tanto em dígitos da calça rasgada da Diesel quanto no aspecto simbólico de cada uma

à próxima. Não é simples como parece, não apenas vestimos o que aparece na novela ou na última São Paulo Fashion Week. Reconhecemos várias vezes o mecanismo e hoje temos mais chances de refutá-los. Sim, queremos (queremos? Bourdieu não concorda) um novo que deveria surgir para refrescar nossas vidas, nos dar alegria, seja ela materializada em um novo batom, esmalte, bolsa, carro, piso, joia. Talvez seja possível encontrá-la nas prateleiras e vitrines, mesmo se amanhã você passar por um outdoor que categoricamente informe que seu batom, esmalte, bolsa, carro, piso ou joia estão velhos. Talvez, se os amigos estiverem em dia, algumas contas e amores também, o outdoor permaneça falando sozinho. Talvez, como Svendsen coloca, estejamos perto de entender que é a própria moda que serve para expressar (lindamente, lembrando) nossa realidade um tanto fictícia e a instabilidade de nossas identidades. Talvez a moda esteja aí, enfim, para mostrar o quanto você precisa dela – mas ainda mais de sua própria carne, coração e sangue.

Fabiana Moraes é doutoranda em ciências sociais e jornalista.

O LIVRO



Moda: uma filosofia
Editora Zahar
Páginas 224
Preço R\$ 29

TRADUÇÃO

Não precisa mais chamá-lo de herr Freud

Nova tradução do legado freudiano vai mexer com nosso cotidiano no divã?

Álvaro Filho



HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO

Nem católico, nem protestante. Sou mesmo freudiano, dos que acreditam na santíssima trindade formada por pai, filho e complexo de Édipo. A conversão ocorreu na longínqua puberdade, quando um pesadelo recorrente que assombrava minha vigília miraculosamente se esvaeceu após um insight – tão difícil de alcançar quanto o nirvana –, ocorrer numa sessão. Desde então, me juntei ao volumoso rebanho de neuróticos em busca da redenção dos recalques e salvação da alma do inferno das angústias. Não esfolando o joelho no genuflexório, mas confortavelmente deitado num divã. Freud é meu pastor e o inconsciente me guiará.

Imagine então qual foi a minha alegria ao saber que todo o antigo e o novo testamento de Freud está sendo traduzido do alemão direto para o idioma pátrio. Com mais de um século de atraso, Freud em bom português, sem os ruídos da conversão terceirizada via edições em inglês, francês e espanhol. Finalmente, a possibilidade de ser diagnosticado na língua materna, muito mais edipiano, diga-se de passagem. Até porque, convenhamos, uma frustração parece muito mais frustrante quando chamada de Versagung. E melhor: quem sabe agora, desfeitos todos os nós idiomáticos, eu não receberia alta?

A tarefa de tentar colocar um ponto-final em décadas de mal-entendidos provocados por traduções consideradas pelos especialistas pouco fiéis ao pensamento de Freud está a cargo do doutor em língua e literatura alemã Paulo César de Souza, que pela mesma Companhia das Letras já havia encarado a hercúlea empreitada de traduzir a obra de Nietzsche. Eu não sei o que ele quer provar, aliás, cabe

ao analista dele descobrir, mas não há narcisista que não dê o ego a torcer e reconheça a grandeza da missão. As *Obras completas* são compostas por densos 20 volumes, sendo o último de índices e bibliografia, que paulatinamente vão ganhar as estantes de psicanalistas e pacientes.

Em 2010, está prevista a publicação de cinco volumes. Três deles já estão nas livrarias e outros dois devem ter o mesmo destino até dezembro. Com o acordo ortográfico entre Brasil e Portugal, a leitura também vai se tornar obrigatória no outro lado do Atlântico, massageando ainda mais o ego de Freud como best-seller. Só para se ter uma ideia, embora tenha a política de não divulgar números, a Livraria Cultura confirmou que na semana de lançamento das *Obras completas* pela Companhia das Letras, o vencedor do prêmio Goethe de 1930 voltou a figurar na lista dos cinco mais vendidos no país. E isto sem ser literatura de autoajuda ou ter um único vampiro como personagem!

A ausência vampiresca é suplantada na obra de Freud por uma fauna de outros personagens não menos horripilantes, como canibais, sádicos, fetichistas e psicopatas, capazes de coisas inimagináveis, como matar o pai e dormir com a mãe. O enredo em parte fez os escritos encaixarem nas estantes, no início da carreira dele, no fim do século 19 – a edição de *A interpretação dos sonhos* (1900) vendeu pouco mais de 300 exemplares. O motivo principal da rejeição, porém, não residia apenas na narrativa espetacular freudiana, mas também na concepção original sobre o sexo, não uma mera ferramenta da reprodução humana, e sim, valiosa engrenagem na mecânica emocional do homem.



Pensamento que rendeu ao Pai da Psicanálise a fama de pornográfico.

“Freud era pornográfico, sim, pois o homem sempre foi pornográfico. A novidade foi alguém ter a coragem de falar disso de forma lúcida, inédita e honesta”, atesta o psicanalista Alírio Dantas Júnior, 54 anos, 30 deles de consultório. Para ele, até o pensamento freudiano mexer as peças da libido no tabuleiro do xadrez social, o padrão “normal” era ser reprimido. “No caso das mulheres, o gozo era considerado um defeito de fabricação. A esposa que tinha um orgasmo representava um perigo ao homem e corria o risco de ser devolvida pelo marido à família”, lembra.

Idiosincrasias culturais à parte, se numa comunidade germanófona a obra de Freud gerou problemas de interpretação, imagine o tamanho do efeito-Babel quando o pensamento freudiano rompeu a fronteira austríaca e se alastrou mundo afora, com traduções livres de temas nada convencionais. Além do incômodo orgasmo feminino, havia ainda crianças de colo com fixação pelo seio materno, menininhos acometidos de ereções repentinas ou sentindo estranhos prazeres pelo ânus ao fazerem cocô.

Para colocar um ponto-final nos problemas de tradução, Freud confiou ao amigo psicanalista britânico James Strachey a conversão de sua obra do alemão para o inglês, no que viria a ficar conhecida como a *Edição standard das obras completas*. A iniciativa também tinha a missão de fazer da Inglaterra – para onde Freud se mudou para fugir do nazismo durante a Segunda Guerra, antes de morrer – porta-voz oficial do movimento psica-

nalítico, através do International Psychoanalytical Association (IPA), fundado em 1910 e que neste ano celebra o centenário.

A estratégia de apropriação e dominação cultural da psicanálise pelos ingleses funcionou de tal forma que até psicanalistas austríacos, mesmo fluentes em alemão, acabaram adotando a versão traduzida para o inglês da *Standard* como a que continha o pensamento oficial freudiano. Mas o que parecia o fim do desentendimento a respeito do conteúdo das teorias de Freud acabou sendo só o começo da discórdia provocada pelos lapsos ocorridos durante a tradução. Erros que segundo alguns especialistas foram deliberadamente inseridos.

“Freud combinou algumas alterações semânticas com Strachey a fim de tornar as *Obras completas* mais apropriadas à área científica”, explica Alírio Dantas. O “jeitinho”, porém, acabou embaralhando alguns conceitos fundamentais no pensamento freudiano, como o de “pulsão” e “instinto” que, além de não garantir a popularidade de Freud entre os médicos, ainda por cima deu início a um interminável debate sobre o que na verdade o mestre queria dizer a respeito da dinâmica do aparelho psíquico humano.

Segundo a psicanalista Magda Passos, responsável pela formação dos futuros psicanalistas na Sociedade Psicanalítica do Recife (SPR), filiada ao IPA, a tradução direta do alemão para o português deve tornar a leitura mais agradável a quem se interessa pela obra de Freud. “Antes era necessário ler os textos freudianos em grupos de estudo, para que a atividade coletiva colaborasse com a compreensão sobre o que ele queria realmente dizer”,

afirma ela, ressaltando que a nova publicação tenta fazer mais jus à terminologia original, de caráter menos “biológico”.

Para Alírio, a tradução do alemão para o português pode ser qualificada como um marco na psicanálise brasileira, que há tempo merecia uma obra referencial, mas não vai resolver de uma vez por todas os mal-entendidos causados nas versões via outros idiomas. Até porque, segundo o psicanalista, as polêmicas envolvendo os conceitos freudianos não residiam no fato de os terapeutas não concordarem sobre o termo, em si, mas porque não entendiam o fundamental: o conceito.

“Outro grande mestre, Shakespeare, em determinado momento lembra que não importa como a rosa é chamada, pois o perfume dela continua o mesmo. Esse é o espírito. Muitos psicanalistas se prendem à palavra, mas não percebem que o mais valioso não é se o termo correto é Ich, Ego ou Eu, e sim, o que ele representa”, explica Alírio. Ainda de acordo com ele, Freud criou essas representações para ilustrar suas teorias, porém a tradução mais “científica” da *Edição standard* reprimiu – para usar um termo pertinente – alguns conceitos fundamentais.

Um exemplo claro é o conceito de “mente”. Alírio explica que mente é diferente do cérebro, pois enquanto o último se refere ao órgão, o primeiro carrega a topologia clássica freudiana. “Se alguém fizer uma tomografia na cabeça, certamente não vai achar o espaço reservado ao inconsciente”, diz o psicanalista. “É como associar a paixão ao coração. Mais apropriado seria se apaixonar com o cérebro, que é quem libera a descarga de adrenalina que

Finalmente, a possibilidade de ser diagnosticado na língua materna, muito mais edipiano, diga-se de passagem

provoca a aceleração cardíaca. O coração funciona como uma representação do estar apaixonado.”

Pela lógica do psicanalista, o inconsciente e o consciente necessariamente não estariam nem na cabeça. “Podem estar em qualquer lugar do corpo, inclusive no pé, ou fora dele. A versão standard das *Obras Completas*, com orientação tecnicista, criou este problema, o de se associar as representações metafísicas à fisiologia”, ilustra. Desta forma, o pecado original não estaria na qualidade da tradução, per se, mas na forma que o próprio Freud elegeu de tentar angariar adeptos no meio acadêmico.

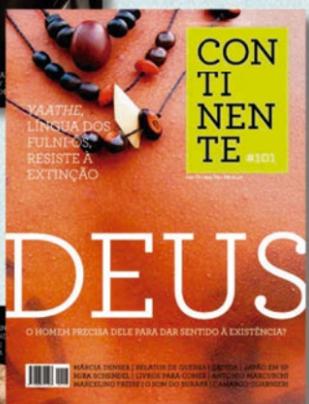
Polêmicas à parte, numa coisa os psicanalistas finalmente parecem concordar: a nova edição das *Obras completas* traduzidas do alemão para o português vai facilitar a formação analítica profissional no Brasil, já que abandona alguns preciosismos técnicos da *Standard*. Mas e com relação ao paciente? “Todo mundo pode ler Freud, até porque é uma leitura agradável. Mas quem o fizer em busca de respostas, vai mesmo encontrar mais dúvidas”, aposta Magda Passos.

Para Alírio Dantas, a recente versão não terá efeito terapêutico direto no paciente. “Ninguém vai deixar de ser narcisista e virar histérico porque agora a valiosa obra freudiana está sendo traduzida de outra forma. Do ponto de vista do analisado, nada muda”, afirma. Ou seja, em bom português, foi-se a minha esperança de receber alta.

É hora de voltar ao divã.

Álvaro Filho é jornalista, escritor e narcisista.

História, ciência e atualidades em bons livros



Assine.
Revista Continente.
Conteúdo é tudo.
0800 081 1201

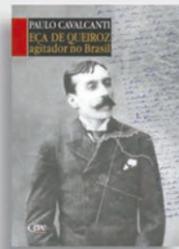
e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



DICIONÁRIO COROGRÁFICO, HISTÓRICO E ESTATÍSTICO DE PERNAMBUCO
Sebastião de Vasconcellos Galvão

Publicados em 1908, 1910, 1922 e 1927, os volumes do *Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco*, de Sebastião de Vasconcellos Galvão, ganharam reedição sob a coordenação de Leonardo Dantas.

RS 150,00



EÇA DE QUEIROZ - AGITADOR NO BRASIL
Paulo Cavalcanti
(edição em inglês e português)

Eça de Queiroz, agitador no Brasil, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiana, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

RS 30,00



O GIRASSOL
Garibaldi Otávio

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem "a imagística sem parentesco, o descritivo mas penetrante, tirando sangue do íntimo das coisas"

RS 40,00



HISTÓRIA DA GUERRA DE PERNAMBUCO
Diogo Lopes Santiago

É um testemunho pessoal de Diogo Lopes Santiago, que residia em Pernambuco à época da invasão holandesa e ao início da Insurreição Pernambucana, em crônicas e diários, resultando numa narrativa minuciosa.

RS 40,00

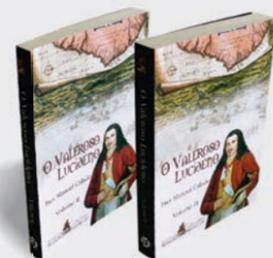


DIÁRIO DE UM SOLDADO
Ambrósio Richshoffer

OLINDA CONQUISTADA
Pe. João Baers

Coletânea sobre o período do Brasil holandês, apresenta as obras de Ambrósio Richshoffer e do Pe. João Baers. Duas visões de um mesmo momento histórico, descrevendo o dia a dia do domínio holandês no Brasil.

RS 30,00



O VALEROSO LUCIDENO
Frei Manoel Calado

Os dois volumes englobam uma extensa bibliografia sobre o Brasil holandês, e contém o testemunho do frei Manoel Calado do Salvador, um contemporâneo e participante da ocupação holandesa no Nordeste.

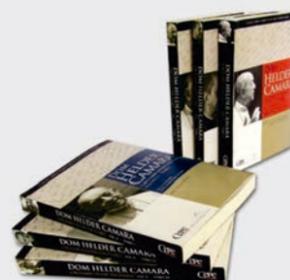
RS 25,00 (unid.)



O CASO EU CONTO COMO O CASO FOI
Paulo Cavalcanti

Composta por quatro volumes, a obra, que tem como subtítulo geral *Memórias Políticas*, narra as experiências de Paulo Cavalcanti dentro do contexto sociopolítico que vai da Coluna Prestes ao fim da ditadura.

Caixa com 4 livros - RS 120,00

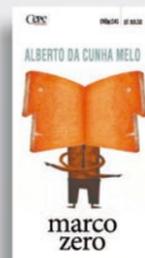


DOM HELDER - CIRCULARES CONCILIADORAS E CIRCULARES INTERCONCILIADORAS

Luís Carlos Luz Marques e Zildo Rocha (Org.)

Em cerca de 600 cartas, Dom Helder Camara expõe suas ideias e relata sua atuação nos bastidores do Concílio Vaticano II, que levou a Igreja latino-americana a assumir a opção pelos pobres e a tomar partido pela justiça social.

Caixa com 6 livros - RS 160,00



MARCO ZERO
Alberto da Cunha Melo

O jornalista e poeta pernambucano Alberto da Cunha Melo assinou a coluna Marco Zero, na revista Continente, sobre questões culturais. Este livro é uma coletânea de seus melhores momentos.

RS 24,00

LANÇAMENTOS RECENTES



A NOITE SEM SOL
Luiz Arraes

Em seu novo livro de narrativas, Luiz Arraes fala de seres urbanos solitários, às voltas com a violência e o sentimento de perda, e, também, em busca de um sentido para suas vidas. São contos curtos, duros e afiados, que deixam marcas na consciência do leitor.



ESTÃO TODOS DORMINDO
Edson Nery da Fonseca

Estão todos dormindo é uma coletânea de perfis de personalidades marcantes da cultura brasileira, nos quais Edson Nery da Fonseca mescla informações precisas com citações literárias e testemunho pessoal, numa prosa límpida, elegante e tão envolvente que transforma o leitor em cúmplice do que narra.



DE RUAS E INTI-NERÁRIOS
Alexandre Furtado

De ruas e inti-nerários é o primeiro livro de Alexandre Furtado. A obra reúne poemas com um olhar sobre o Recife, num roteiro íntimo que liga a nostalgia do passado com os rumos às vezes amargos do presente, mas sempre demonstrando seu amor pela cidade.

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO 0800 081 1201 livros@cepe.com.br

INÉDITOS

Cleyton Cabral

Nesta seção respeitamos o texto original dos autores

SOBRE O AUTOR

Cleyton Cabral é publicitário e ator. Ainda não tem livro lançado e gosta de fazer contos minúsculos.



Percurso

Ele disse que aquilo não era traição, que dividir o mesmo vagão do metrô com a ex não significava traição, e era coisa do acaso. É claro que a culpa é do acaso. É sempre do acaso, do destino, sempre a culpa é de quem não tem garganta, de quem não sente frio, não pega metrô. Que eu saiba acasos ou destinos não tem pernas nem coração, nem olhos para ver seu namorado com a ex dentro de uma estrutura de aço que desliza por trilhos. Por segundos, passara um filme na cabeça de Daiane, abre parênteses, Eu, Davi, recebo-te por minha esposa, Daiane, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, por todos os dias da minha vida, fecha parênteses. E ainda dizia: quero passar os dias de velhinho ao teu lado e usar bengala. Tantas demonstrações de afetos e promessas para descarrilar assim nesse desentendimento. - Você não tirava os olhos dela, eu tenho certeza, tenho certeza que você marcou jantar, disse que sentia saudades, que ela estava linda. - Amor, Não tem razão para tantos ciúmes, eu só estava no mesmo vagão que ela, em um espaço que é público, deixe de noias, ele disse dando o nó na gravata e olhando para Daiane pelo espelho. Ela o abraçou por trás encostando a cabeça em suas costas. - Você não me ama mais, ela disse deixando suas lágrimas molhar a camisa branca de botão dele. Ele nunca a traiu. Nunca. Só encontrava com a ex porque ela era segura, otimista, bem-humorada e possuía personalidade forte. Depois de alguns dias, Daiane voltou para a terapia. Davi não voltou mais para casa.

INÉDITOS

Thiago Soares



Diz que não, Cuba

Dez anos depois, eu volto a Cuba. E acho que alguma coisa mudou.

Cuba é a mesma. Talvez um ônibus chinês aqui, um celular ali. Mas os carrões modelo Ford 1952 ainda circulam em ruas de paralelepípedo e por casarões descascados pelo tempo.

Em Havana, as ondas batem no Malecón no fim de tarde. O mojito é o mesmo. O amargo da hortelã no fim do drinque também.

Os americanos ainda estão em Guantánamo. A base da baía da cidade que é cinza. Percebo a vergonha dos cubanos de olhares baixos. A ermo.

As histórias de cubanos fugitivos persistem. Bailarina cubana desaparece no aeroporto de Madrid. Ninguém sabe, ninguém viu.

Vejo nas tiendas cubanas, muitas roupas de marca (Adidas, Nike, Dolce & Gabbana, Armani). Todas falsificadas. “Falsificação é política. Usamos o modelo e não damos dinheiro a eles”.

Fidel continua vivo. O governo pode dar prisão perpétua se um cubano criar gado – só se cria ovelha, porco e galinha. Só quem cria boi e vaca é o próprio governo. Para regular, dizem eles, o acesso dos cubanos ao leite.

Um médico em Cuba ganha o equivalente a 40 dólares por mês. Um perfume custa 10 dólares. Um desodorante, 4 dólares. Não sobra dinheiro. Sempre.

Tomo Tropicola, Fiesta Cola e Tukola – todos refrigerantes de líquido negro e espumante. Vejo um cubano na piscina do hotel pedir: “Por favor, me traga uma Coca-cola!”.

Perguntaram a Fidel certa vez: “Comandante, é verdade que em Cuba toda professora é prostituta?”. E ele: “Só depende de como você encare a coisa. Posso dizer aqui, que toda prostituta é professora”.

Eu acho que Cuba é aquela pessoa que ficou na mesma. Esperando que algo acontecesse. Esperando que um dia desse certo.

Eu viajei a outros lugares, Cuba. Eu aprendi com outros mundos, com outras gentes. Eu talvez tenha esquecido de como você é linda nessa sua ingenuidade de ficar na mesma.

Eu queria te dizer, Cuba, que tudo em você é lindo porque tudo em você é passado. Mas, lembra que, em *Casablanca*, Ingrid Bergman não consegue esquecer que houve uma vez em Paris? Sim, Cuba, é preciso esquecer.

Eu fico imaginando se você não vai sair dessa. Se você ainda vai insistir nessa coisa de estar presa naquele amor impossível. Diz que não, por favor.

Eu te acho linda, Cuba, quando você fala com esse castelhano em que não se ouve o “b”. Quando você esquece um pouco o seu passado e olha para frente.

Olha, é hora de virar a mesa. De você dizer que sim, que me quer, que a gente vai junto olhar o mundo sem a embriaguez do mojito. Sem piña colada. Eu, você, o mundo. Assim: sóbrios.

Cuba, vamos amanhecer? Vamos anoitecer? Me ensina o que você sabe? O que você aprendeu com todo esse tempo?

Eu talvez devesse parar com essa coisa de querer te mudar, né? Não se muda alguém do dia para a noite. Mas, é que, sei lá, eu às vezes gosto de acreditar.

Da janela do quarto, uma moça olha a rua. A bandeira de Cuba estendida, no alto. Eu não sei se é o olhar da moça ou se a tremulância da bandeira que chora. Não sei.

Eu queria te mostrar a noite, sabe, Cuba? Dançar contigo. Sair para jantar. Fazer essas coisas que se fazem a dois. Mas, nessa sua coisa de embargar a vida, tudo isso vai ficando para trás.

Talvez quando você me quiser, Cuba, eu já esteja noutra. Porque eu tentei te dizer que eu te queria. Eu tentei, poxa. Eu fui tão claro. Eu fui tão direto. E você naquela de passado.

Se você me quiser, Cuba, eu largo tudo. Deixo minha esposa, minha família, largo o emprego. Porque meu amor por você é uma coisa que eu não sei explicar. É amor por contradição – e essas coisas, a gente vive e depois dói para esquecer.

Eu acho que um dia, Cuba, você vai me dizer que eu tinha razão. Vai perceber que quando eu passei aqueles dias velando por você, te esperando descer na frente do teu prédio, era para te dizer que esquecesse dele. Que eu é que sou o homem da tua vida.

Olha, Cuba, eu vou esperar o dia em que você vai ver que essa coisa de que a gente não pode ser feliz junto é uma besteira. Porque o mundo não é só dinheiro. O mundo é um êxtase temporário.

Por isso mesmo, Cuba, faz assim: respira fundo, deixa que eu te toque, que eu te ame. Tu não precisa fazer nada, só permitir.

A imagem que eu vejo é eu e você, velhos, na sacada de uma casa de chá em Santiago de Cuba. Estamos tão confortáveis em nosso silêncio. Você não fala nada e eu te amo. Eu não falo nada e tu me amas. Não poderia ter sido assim antes?

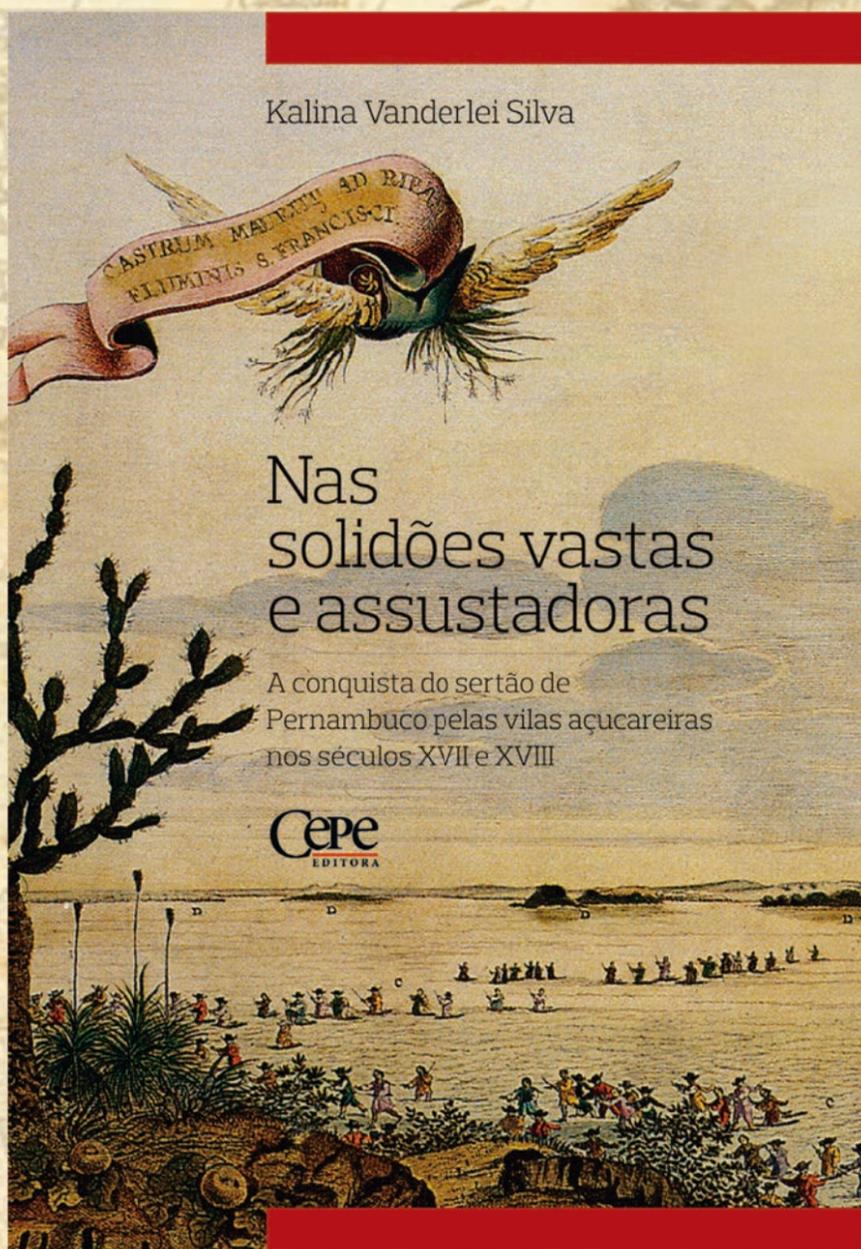
Começo a querer desistir, sabe, Cuba?

- Diz que não, por favor.

SOBRE O AUTOR

Thiago Soares é jornalista e professor do departamento de comunicação social da UFPE.

História em dois tempos e dois mundos



O surgimento do sertão como noção cultural é retratado no livro *Nas solidões vastas e assustadoras*: a conquista do sertão de Pernambuco pelas vilas açucareiras nos séculos XVII e XVIII, de Kalina Vanderlei Silva, lançado em agosto pela Cepe Editora. A obra detalha o cenário socio-econômico-cultural que dá origem à conquista do sertão pernambucano, enfatizando uma história social: a dos personagens envolvidos na chamada guerra dos bárbaros, que combateram os povos indígenas habitantes de uma região temida e selvagem, durante o processo de expansão que levou à inclusão de amplas extensões continentais na jurisdição da colônia portuguesa.

Autora: Kalina Vanderlei Silva
Cepe Editora
Páginas: 269



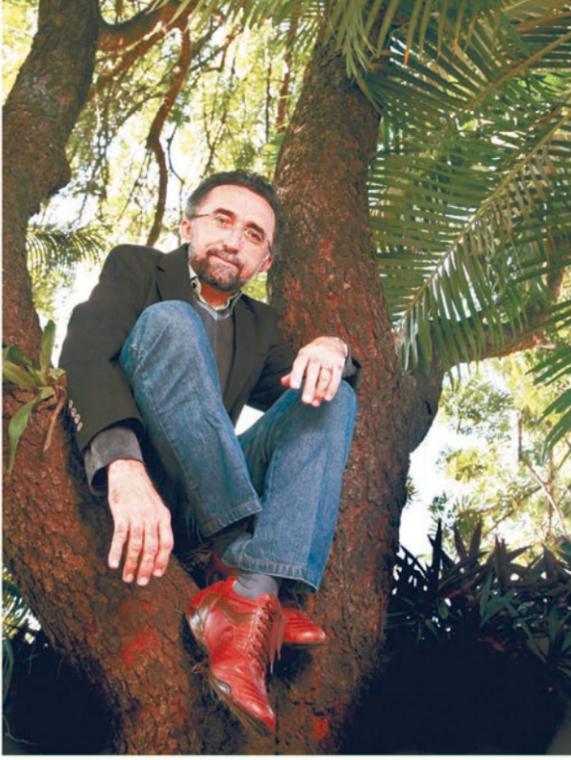
Sobressaindo na vida pública desde estudante, quando participou da Setembrada como aluno dos cursos jurídicos em Olinda, Sérgio Teixeira de Macedo vivenciou momentos marcantes da vida brasileira, tornando-se um dos primeiros diplomatas do Império. Defendeu o Brasil das pretensões imperialistas dos Estados Unidos de tomar posse da Amazônia e incentivou a construção de estradas de ferro. Como presidente da província de Pernambuco, fez um governo pautado na tolerância e senso de justiça. A vida deste homem excepcional é retratada no livro de Fernando da Cruz Gouvêa, um dos mais premiados biógrafos brasileiros.

Autor: Fernando da Cruz Gouvêa
Cepe Editora
Páginas: 334

À VENDA NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS OU PELO 0800 0811201

Cepe
EDITORA

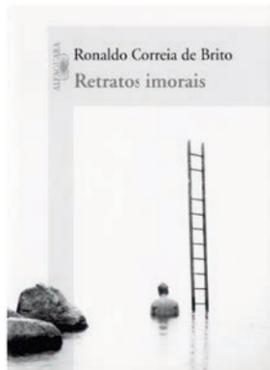
BÁRBARA WAGNER/ ARQUIVO



A reinvenção de um autor

Parece que o grande prazer de Ronaldo Correia de Brito é driblar as expectativas que temos dele como escritor. Nos contos de *Faca* levou a essência da tragédia grega para as brenhas de um Sertão geográfico. Em *Galileia*, seu primeiro romance, armou um castelo ficcional que se desmontava diante dos nossos perplexos olhos. Nas 22 histórias de *Retratos imorais*, aceitou o desafio de montar narrativas de conteúdo e fôlego díspares. Temos mulheres à beira de um ataque de nervos e homens flagrados na crise do que deveria ser o masculino. Apesar das diferenças, é possível encontrar, ao menos, dois pontos em comum nos contos: seus personagens são silenciosos, mesmo em momentos-limite, como se as palavras não fossem mais tão

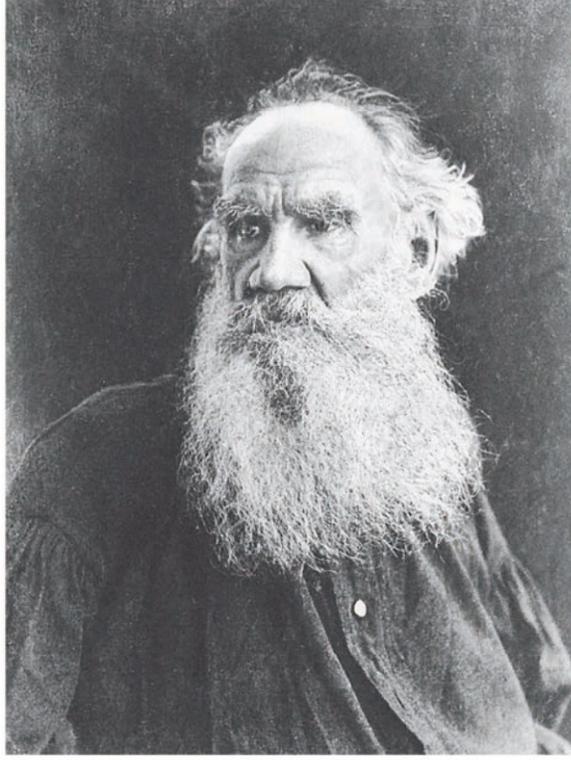
necessárias; e um Recife que se revela para além dos clichês dos cartões postais de bonito ou feio. *Retratos imorais* é um livro que exige paciência do leitor. A sofisticação de Ronaldo vai se revelando a cada nova releitura. Um dos grandes lançamentos deste ano. **(Schneider Carpegiani)**



CONTOS

Retratos imorais
Autor - Ronaldo Correia de Brito
Editora - Alfaguara
Preço - R\$ 45,00
Páginas - 184

DIVULGAÇÃO

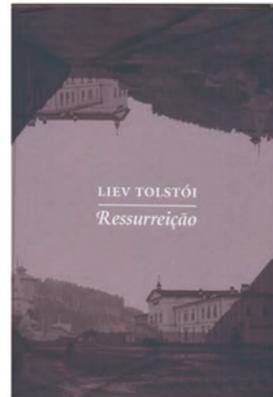


O retorno de um clássico

Dos três grandes romances de Liev Tolstói, *Ressurreição*, além de *Guerra e paz* e *Anna Kariênina*, é o mais criticado. Alega-se que ele se deixou envolver pelo conteúdo e esqueceu os elementos essenciais da forma. Sobretudo a partir da segunda parte. Também pudera. Tolstói conta a sua verdadeira história, quando seduziu uma empregada doméstica na juventude, e soube depois que ela havia se prostituído para sobreviver. E que, por causa de pequenos furtos, terminara na prisão. Religioso, viveu um drama muito forte, até porque os amigos lhe asseguravam que aquilo era comum na sua época. Apesar disso ficou perturbado e trabalhou duro numa pesquisa lenta e exaustiva para chegar a esse romance. E aí, talvez por excesso de realidade, se

despreocupou da estética literária. Mesmo assim, e apesar de tudo, é um poderoso título, que retrata a figura de Katiucha, uma das personagens mais comoventes do escritor russo, capaz de arrebatá-lo até o mais indiferente leitor.

(Raimundo Carrero)



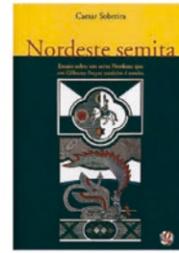
ENSAIOS

Ressurreição
Autor - Liev Tolstói
Editora - Cosacnaify
Preço - R\$ 32,69
Páginas - 432

PRATELEIRA

NORDESTE SEMITA - ENSAIO SOBRE UM CERTO NORDESTE QUE EM GILBERTO FREYRE TAMBÉM É SEMITA

Texto vencedor do 3º Concurso Nacional de Ensaaios - Prêmio Gilberto Freyre 2008/2009, promovido pela Fundação Gilberto Freyre e Global Editora. A obra analisa criticamente os efeitos da cultura judaica sobre a cultura luso-brasileira, principalmente no Nordeste, a partir de textos de Gilberto Freyre, que já identificava o sangue semita na formação da sociedade agrária e escravocrata na região. O autor revê diversas passagens da história nordestina, indicando os sinais deixados pela presença judaica, mesclando história e antropologia.



Autor: Caesar Sobreira
Editora: Global
Páginas: 224
Preço: R\$ 32

A EDUCAÇÃO INFORMAL PARA O TEATRO - ECOS DA AÇÃO DE ENTIDADES DA SOCIEDADE CIVIL DE PERNAMBUCO

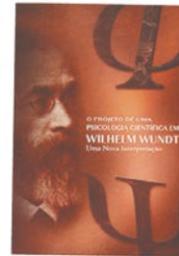
O texto mapeia exemplos de educação informal para o teatro no interior de Pernambuco a partir de 1960, enfatizando o papel desempenhado pela Federação do Teatro de Pernambuco e pelo Teatro Experimental de Artes, de Caruaru. O autor defende a prática do ensino informal de artes como estratégia de criação e difusão de conhecimentos que alimentem a vida cultural, como condição básica para o bem-estar social.



Autor: Didha Pereira
Editora: Babecco
Páginas: 141
Preço: R\$ 20

O PROJETO DE UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA EM WILHELM WUNDT: UMA NOVA INTERPRETAÇÃO

O autor analisa o pensamento do filósofo e psicólogo alemão Wilhelm Wundt, criador do projeto de uma psicologia científica no século XIX, a quem considera injustiçado, vítima de interpretações simplificadas ou distorcidas. Saulo Araújo contribui para esclarecer os conceitos e faz uma nova interpretação do pensamento de Wundt, apresentando a complexidade e riqueza do seu projeto, o qual deve ser entendido com base nos fundamentos filosóficos defendidos pelo autor germânico.



Autor: Saulo de Freitas Araújo
Editora: UFJF
Páginas: 224
Preço: R\$ 35

REFLEXÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS AMEAÇADAS

A autora coordena o projeto *Maurehi*, de revitalização da língua e da cultura Karajá, desenvolvido desde 1994 na aldeia Buridina, em Aruanã (GO). O livro detalha a metodologia de ensino do Karajá como segunda língua, associado à cultura, à natureza e à sociedade, a partir de atividades lúdicas. Além de aspectos sociolinguísticos do povo Karajá, questões de gênero e a história do contato com não indígenas e outros povos, o livro tece reflexões sobre o desenvolvimento do projeto *Maurehi*.



Autora: Maria do Socorro Pimentel da Silva
Editora: UCG
Páginas: 157
Preço: R\$ 25

PÁGINA VIRADA

Silvana Menezes lança primeiro livro solo

A Editora Paes vai lançar o primeiro livro solo da escritora Silvana Menezes, que conduz há dez anos o projeto Quartas Literárias. *Vire a página* terá projeto gráfico com colaboração do calígrafo e designer carioca Cláudio Gil e da fotógrafa Magda Silva. O lançamento será durante a FreePorto, que acontecerá de 3 a 5 de dezembro na Nova Bulgária (bairro do Recife, rebatizado pelos promotores da festa).

TROCA-TROCA

Internautas alimentam ciranda de livros

Em www.trocandolivros.com.br encontra-se a oportunidade de manter a leitura em dia com o custo da postagem de um livro no Correio: o usuário cria uma conta e coloca à disposição dos internautas os livros que deseja passar adiante; ao mesmo tempo, pode visitar uma lista de livros à sua disposição, fazer a solicitação e recebê-los pelo correio. Sempre que se repete esse processo, movimentam-se a ciranda de livros.

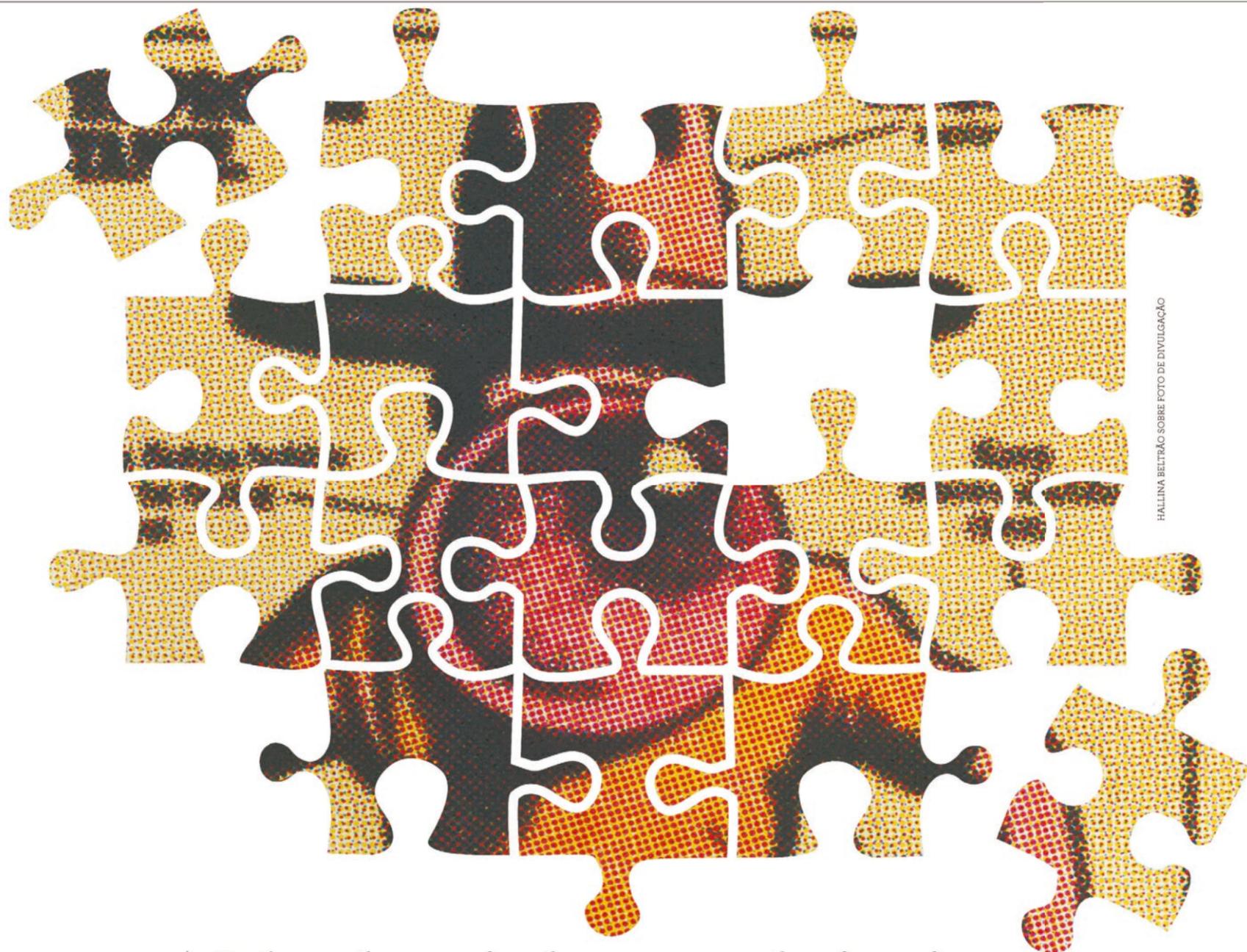
PRORROGAÇÃO

Prêmio de literatura da Cepe sai em Novembro

O sucesso do I Concurso Nacional Cepe de Literatura Infantil e Juvenil superou as expectativas. Foram 445 obras inscritas, com uma distribuição muito representativa do Amazonas ao Rio Grande do Sul. O volume de obras levou à prorrogação do prazo da Comissão Julgadora, que pediu mais tempo para avaliar os trabalhos. Assim, o resultado da premiação será anunciado em novembro.

CRÔNICA

Bruno Albertim



HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO

Sobre destruir dentes e seduzir reis e garotas

Chegava sempre entre 16h45 e 17h15. Mesmo desejado aos domingos, só aparecia nos dias úteis. Bigodes fartamente portugueses, sem qualquer barriga de meia idade, pedalava com a elegância de um nijinski placidamente suburbano. Uma espécie de cavaleiro sobre a barra-forte. Tão logo afrouxava o elástico ao redor da lona sobre a caixa plástica, encostávamos, sacolas em punho, mãos e empregadas contando moedas. Grande era a disputa pelas maiores crostas de coco caramelizado naqueles enormes, quadrados e massudos pães doces. São as madeleines possíveis em nossa busca cabocla pelo tempo caboclamemente perdido. Dizem que foi um sogro guloso de Luiz XV quem obrigou uma certa cozinheira, numa madrugada francesa qualquer, a improvisar esses bolinhos assados com limão. Açúcar, bem antes de Proust enxergar numa dessas madeleines uma fenda de volta à infância, tem sido sinônimo de afeto, afeto na boca. Açúcar é sina, respaldo, felicidade e maldição. Freyre nos disgnosticou: “Sem açúcar, não se entende o homem do Nordeste”. O pó doce e açucarado de cana sacarina viabilizou as barbas

portuguesas sobre as peles imberbes tupy, patrocinou o projeto colonizador que resultou no Brasil, fundiu Oriente e Ocidente, arredondou senhoras e mancebos, destruiu dentes e matas em Maranguape, escravizou africanos, nos ensinou a sambar, fez umas gatinhas se livrarem da calcinha no primeiro *boogie woogie* do meu coração e até colocou James Dean na moto. Sim, a mesma goma de mascar usada para aliviar tensões pelos soldados americanos entre um companheiro morto ou um inimigo esmigalhado estava na boca do nosso angelical selvagem da motocicleta. Com o chiclete, o açúcar ganhava sua superlativa democratização no século 20, o doce em última instância pop. “Sua história começa em Nova Iorque, na loja de um homem chamado Thomas Adams”, registra a jornalista Lucrecia Zappi, no recém-lançado *Mil-folhas*, mais uma publicação-fetiche da Cosac & Naif. Numa linguagem direta e didática, quase almanaque, o vistoso livrinho nos oferece uma história ilustrada do doce. Artigo de botica, tão raro e caro, o açúcar dos primeiros tempos era um valiosíssimo tempero que

constava, até mesmo, nos baús e dotes de casamento. Foi sua ligeira adaptação ao massapê nordestino depois de um estágio na Ilha da Madeira o que fez da cana a razão para que os portugueses ficassem nessas praias com suas botas, piolhos e apetites. Açúcar é lastro. Ele pode ser clássico, opulento, cativante, barroco, chique ou vulgar, quase sempre ancestral. Mas poucas formas, como dissemos, o tornam tão pop quanto o chiclete. Foi, aliás, o homem que o inventou que garantiu à embalagem lugar de destaque na história do design no século 20. “Foi exatamente em 1869 que um homem velho e meio surdo bateu à porta da loja. Entrou e foi logo dizendo que não estava interessado em comprar nada mas, como tivesse ouvido falar no espírito criativo de Adams, viera lhe propor um negócio”, diz a autora. O homem corpulento de pesado sotaque mexicano tinha nas mãos um pedaço de resina. Era o general Santa Anna, ex-presidente e líder de grandes exércitos no México. Depois de tanto tumulto por ele provocado, acabou exilado nos Estados Unidos. “O que eu quero com o senhor, seu Adams, é desenvolver um

grande produto com esta resina, que é muito resistente, extraída do sapotizeiro há milênios por povos do país, os maias e os astecas”, reproduz a autora. Em náuatle, a resina chamava-se *chictli*. Os gregos gostavam de limpar o hálito com resina de aróiera. O general nunca mais apareceu. Mas Adams tentou produzir pneus com a resina. Como se fosse mole demais, tentou com ela reproduzir a goma de mascar normalmente feita com cera de abelha. Logo, a goma estava em pequenas tiras, adoçadas, saborizadas artificialmente e mercadas em máquinas de moeda. “O chiclete número um de Nova Iorque é Adams, ele estala e estica”: Só anos depois, os concorrentes conseguiram a proeza da bola. No Recife, chicletes vieram às turras com os refrigerantes e outras bebidas finas trazidas nas malas dos americanos escalados para as bases militares do Nordeste na Segunda Guerra. Em vez de irem aos campos, alimentaram a economia do sexo e da noite nos velhos sobrados. Dona Julieta, antiga e gloriosa prostituta da rua da Guia, masca seus chicletes até hoje. Gosta muito de hortelã, mas não dispensa *tutti-fruti*.

SOBRE O AUTOR

Bruno Albertim é jornalista e autor do livro *Recife - Guia prático, histórico e sentimental da cozinha de tradição*.

